

Entrevista com Milton Santos

Paulo Cesar Scarim 

Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, Brasil
pauloscarim@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

Entrevista¹ com o professor geógrafo Milton Santos realizada em 14 de março de 2000 por Paulo Cesar Scarim e que faz parte da dissertação de mestrado², defendida na USP em 2000 sob orientação da professora Ana Fani Alessandri Carlos.

Milton Santos (1926-2001) foi um dos mais influentes geógrafos brasileiros, reconhecido mundialmente por suas contribuições à geografia crítica e ao estudo da globalização. Nascido em Brotas de Macaúbas (BA), formou-se em direito, mas dedicou-se à geografia, tornando-se professor e pesquisador de renome. Perseguido pela ditadura militar, viveu no exílio em países como França, Venezuela e Canadá. Sua obra propôs uma visão alternativa da globalização, destacando as desigualdades entre o Norte e o Sul Global. Em *Por uma outra globalização* (2000), criticou o modelo hegemônico e defendeu uma perspectiva humanista e inclusiva. Em 1994, recebeu o Prêmio Vautrin Lud, considerado o “Nobel da Geografia”. Retornando ao Brasil nos anos 1980, consolidou sua carreira na Universidade de São Paulo (USP). Seu legado inspira estudiosos das ciências humanas e sociais, reafirmando a importância do espaço geográfico na compreensão das relações de poder e desenvolvimento.

1 Revisada conforme normas em vigor, ABNT, Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009); atualizada com referências bibliográficas e notas biográficas por Edison Luís dos Santos, doutor em Ciência da Informação, bacharel em Linguística e Biblioteconomia (USP), concluiu pós-doc no IEA/USP em 2022. Todas as expressões entre “[]” são dos editores e foram utilizadas para acrescentar alguma palavra ou pontuação que ajudem na compreensão da entrevista; para indicar que a frase está inacabada se utilizou “[...]”. Também foram utilizadas algumas Notas de Editores (NE) quando foi necessário esclarecer algum ponto. Foram colocadas algumas referências em notas no fim do artigo representadas em algarismos romanos para ajudar no entendimento dos propósitos de Milton Santos, porém boa parte dos nomes citados não foram referenciados.

2 SCARIM, Paulo Cesar. Coetâneos da crítica: uma contribuição ao estudo do movimento de renovação da geografia brasileira. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2000. Esta entrevista é inédita, nunca foi publicada.

ENTREVISTA COM MILTON SANTOS

Paulo Cesar Scarim (PCS): Na sua avaliação, como foi o debate na geografia brasileira no final dos anos 1970?

Milton Santos (MS): Até certo ponto, nunca houve, digamos assim, grandes debates, na geografia brasileira. Acho que isso é um problema, que podemos enfrentar de duas formas. Primeiro: dizer que não houve, numa opinião equivocada, é possível também. É possível que eu esteja querendo mais do que era possível, mas que era necessário. Se não houve, por que não houve? Acho que isso talvez seja uma questão interna na geografia brasileira, essa dificuldade para ter um bom debate. Mesmo 1978 não chegou a ser um grande debate. Foi um debate intenso, arrebatador, inspirador, mas não foi um grande debate. O que tinha era: aderentes de um lado e opositores do outro lado. Isto não basta para fazer um bom debate. Talvez pelo fato de a geografia brasileira ter sido sempre muito aberta, possivelmente a mais aberta das geografias ocidentais. Mais aberta, porque sempre houve aqui ou ali gente lendo tudo. Quer dizer, em outro país você não encontra interesse tão universal pela geografia dos outros. Mas, será que isso também reduziu a importância do debate?

PCS: Não seria por essa abertura ficar baseada em outras geografias, talvez pelo fato de aqui ter surgido tardiamente algumas questões e na medida que os temas lá se transformaram, aqui também se transformaram? Seria possível esse paralelo da nossa geografia com as questões, as teorias e os temas presentes?

MS: O que me parece é que o debate acadêmico, exceto numa fase, que não posso me referir ao que Delgado^I e outros fizeram de pré-científico, o que seria pretensão nossa, por que não se pretende negar de Delgado e de outros, preocupações realmente científicas também.

PCS: Seriam pré-institucionais?

MS: Mais ou menos. Talvez pré-instituição disso que é a universidade. Houve alguns momentos importantes dentro da Associação dos Geógrafos do Brasil^{II}, quando a AGB era uma instituição acadêmica, o que deixou de ser. Agora é uma vitrine, onde o que tem peso mesmo é a mediocridade. Você pode dizer isso, não estou pedindo reserva. Acho que temos que prestar serviço à disciplina e à associação. Então, a impressão que eu tive, por exemplo, depois de uma ausência relativamente longa e essa impressão só foi suprimida

muitos anos depois, eu senti um mal-estar ao voltar, já não sabia mais o que era. Depois eu sofri, assim que pude ingressar na Universidade. E tive que esperar muito. Eu verifiquei que o debate era muito pobre, quer dizer: falta de densidade da vida intelectual.

PCS: Era mais pobre do que quando você foi para o exterior?

MS: Eu diria que eu era outro. Eu era outro, mas, de alguma maneira me parecia, que eu estava apreendendo, eu era despretensioso, quer dizer, eu nunca faria uma dissertação como a sua porque eu achava que eu não podia fazer antes de chegar a uma grande acumulação, ainda que olhando para trás eu veja a minha tese de livre-docência que eu fiz aos vinte e seis anos, e que tinha uma preocupação “teórica”, ainda que copiada, mas emitia opiniões. Por fim, voltando. A vida acadêmica ainda é um pouco densa por isso. Isso é um problema. O debate acadêmico tendo empobrecido não atinge com frequência o cerne dos problemas que porventura sejam levantados, e isso às vezes redonda num cansaço dos autores que decidem se tornar leves.

PCS: Como assim, professor?

MS: Leves, porque se você não é leve não é discutido. Como você quer ser discutido, você se torna leve, então o debate deixa de ser denso. Eu acho que esse é um problema da geografia brasileira, mas também das outras ciências sociais. Por causa da academia, pela maneira como a universidade é organizada, o trabalho intelectual é organizado em torno de chefes de grupos, e não de chefe de ideias, de mestres; e sim a partir de lugares de chefes, que é a tradição da própria geografia brasileira, de modo que o trabalho intelectual se organizou em torno de chefes políticos. Você olhe, você verá! Então, a discussão, e é razão pela qual perguntei tanto sobre suas entrevistas, é que as entrevistas não são capazes de dar conta do fundo das preocupações das pessoas.

PCS: Se essa é sua visão da academia, qual é a importância de estar numa universidade?

MS: Não posso responder isso. São os outros que têm que responder.

PCS: Mas não limita a discussão?

MS: Eu continuo fazendo meu trabalho. Sobre tudo sem participar dos grupos. Eu busco ser próximo, cordialmente, das pessoas. Mas me recuso a qualquer filiação, a me deixar empolgar por um grupo de camaradinhos.

PCS: Em algumas entrevistas, você fala muito que, quando estava no exterior, sentiu como se estivesse num refúgio, um refúgio que lhe fez ver o Brasil de longe, repensar o país. De qualquer forma esse refúgio, talvez por não lidar tanto com essas estruturas, ele continuou?

MS: Não era bem um refúgio, eu não tinha jeito. Eu saí do Brasil em 1964, na véspera de enormes transformações. Eu busquei acompanhar durante alguns anos, mas depois tomou-se impossível acompanhar. Primeiro porque o país evoluía num ritmo que não me permitia compreendê-lo. Depois porque a nossa geografia, sendo sobretudo um grande jornalismo, a leitura de um bom número dos autores não me acrescentava quase nada, então eu não podia entender realmente. Não havia muito mais do que o que estava dentro de jornais, o que ainda hoje é a tônica da maior parte das teses e das dissertações. São, em parte, como os textos da imprensa, bem-feitos. Você leva quatro anos para fazer o que o jornalista faz em quarenta minutos, só que com citações, com uma certa ordem. Mas, se nós pegamos um bom número do que foi feito pela nossa geografia, não de 1968 para cá, mas incluindo 1968, de certa forma, alguns são perfeitos, mas que não são verdadeiramente fundados numa vontade de condução de uma disciplina. E aí tem outro aspecto que acho importante você examinar: daí vem o fato de que o que nós escrevemos não interessa a ninguém na academia, exceto aos nossos amigos. Houve um momento que nos interessava. Se você pega um Delgado de Carvalho, o grande Aroldo Azevedo^{III}, fizeram um trabalho monumental. E tantos outros. Um bom número deles era turista, eruditos. Era isso um pouco a geografia: turistas eruditos escrevendo as crônicas, criando e exercendo uma prática dessa escrita que atribuía ao trabalho deles um papel informativo das outras disciplinas, quando o mundo era simples e as disciplinas sociais eram simples. O mundo tomou-se complexo e visível. Então o que nós fazemos deixou de ser interessante e é a razão pela qual nós não temos leitores nas outras áreas, exceto se eles são do mesmo partido, se tem o hábito de jantar juntos, se um batizou o filho do outro. As referências são muito mais ligadas ao companheirismo e à gratidão do que à serventia do trabalho.

PCS: Essa sua percepção é exterior ao retorno, ou já vem lá do exterior?

MS: Ela é de alguma maneira posterior. Ela não é posterior porque eu comecei a ter essa ideia a propósito de uma certa geografia francesa. O fato de eu estar lá, me deixou assim com essa impressão, dessa geografia descritiva.

Dessa que estamos falando e que é muito presente na geografia europeia de um modo geral.

PCS: E sua preocupação teórica, vem do período da tese de livre-docência?

MS: Nesse período da tese de livre-docência eu tinha 26 anos e queria ser professor de faculdade, e eu nem sabia o que era ser teórico. Na verdade, como eu tinha uma formação de ciências sociais, porque eu estudei direito, então eu era mais erudito, essa é a realidade. Meus trabalhos de campo eram estudos eruditos, nos meus trabalhos, digamos assim, sistemáticos, eu era erudito em casa, porque eu lia muito, e com vinte e seis anos eu tinha lido a história da geografia, sobretudo francesa. E isso me permitiu, como eu tinha uma boa formação em lógica, matemática, português, que não sei mais, mas sabia, então era fácil, porque era isso que fazia um geógrafo, era dominar a língua portuguesa e saber arrumar as coisas.

PCS: Essa percepção da carência, dessa falta de explicação, que tinha a ver com essa geografia descritiva, tanto no Brasil como na França, levou você então à busca teórica em outras.

MS: Em outras áreas, essa busca era fundamental porque, senão, não dava certo. A sociologia nunca andou sem postulados. O estudo da sociologia tem toda uma história de anos de teorizações, indispensáveis, porque é daí que parte sua interpretação da realidade. A economia, de uma certa forma, também. Na antropologia talvez muito mais ainda do que na sociologia. Na geografia isso não ocorreu. O que Vidal de La Blache^{IV} desejava ele não conseguiu impor completamente aos seus contemporâneos, nem depois. Ficou, então, uma ideia pobre de região, de geografia regional, que era descritiva, com um outro complicador: sendo ensinada na escola secundária como disciplina autônoma, o que não foi o caso da sociologia. A geografia teórica tem esse lado da corrupção. Aí eu chego de volta, eu volto para o Brasil e encontro esse contubérnio^V, esse amasamento do trabalho de produção intelectual com o trabalho de produção didática.

PCS: Sobretudo na década de 1980?

MS: Isso sempre vai ser, não é na década de 1980 não. Vejamos o que está escrito aqui, (USP) por exemplo, eles eram, sobretudo, preocupados com didatismo, não são acadêmicos, são professores de ginásio. Eu não vou dar nomes, basta procurar e verá. Quando eu faço essas críticas, principalmen-

te sobre o papel negativo da AGB hoje, não é porque eu não gosto desses pobres colegas que roubam os trabalhos dos outros e publicam como livro didático, é porque este amasamento que a faculdade faz entre essas duas coisas, prende a base acadêmica a uma certa infantilização da disciplina. Eu me recordo quando meu pai passou a me ensinar: o que é um trem, o que é um navio, o que é uma plantação de cacau. É isso o que faz um geógrafo. Eu fico felicíssimo com isso. Essa geografia de lição de coisas, que vai para o ensino secundário e volta para a faculdade com cuidado literário e com citações. Citação não tem nada a ver com produção, com criação. Então, o fato é que a AGB tem contribuído para esmagar o trabalho do pensamento, e glorificar essa prática que descrevem livros sem citar de onde provém o conteúdo das coisas, e são livros didáticos, e AGB é isso; a AGB é feita para isso. Então, digo que é um risco ir a um encontro da AGB, sobretudo para alguém que tem alguma coisa interessante a dizer.

PCS: Por quê?

MS: Você fica meio como idiota. Primeiro, sou exposto para discutir com esses sujeitos, que vem falar de outra coisa, fazer sua propaganda. O que você vai fazer lá? É perda de tempo, de modo geral. Essa ida e vinda, que é tipicamente europeia, que não pratica nenhuma dimensão extraordinária... É muito perigoso dizer isso, porque dá a impressão que é um elitismo: “ele não quer trabalhar conosco”. Não é isso. O que se pretende é que haja uma valorização do trabalho, só que essa valorização deve existir também dentro da Universidade. Não temos um debate sobre a produção acadêmica. O meu último livro teve somente dois artigos que o comentaram. Um deles, sobre meio ambiente, o que fala sobre a água da torneira de beber, que está sempre nas rádios, e outro desse rapaz tão agradável, o mais recém doutor do departamento de geografia, o Wagner e acabou... Quer dizer, não há densidade.

PCS: Em determinado momento da década de 1970, a sua chegada, sobretudo com a publicação de *Por uma geografia nova*^{VI}, teve uma importância muito grande e isso todos reconhecem. Como você vê a recepção naquele momento e, depois, a sua produção posterior e a atual, de certa forma tornou-se uma unanimidade? Como foi mudando esta recepção, as críticas e debates?

MS: Não sei. Não sei por que eu não vejo. Você que é o historiador. Isto tem que ser examinado; penso que você é quem tem que fazer isto, eu não

posso. O certo é que não há o debate, e se não há o debate, alguma coisa há. Você pode dizer: “Não, a questão que é realmente importante é o poder”, ou então, “o que é importante é o bem querer”. Ora, as pessoas me querem bem, eu fico contente com isso, eu sei que me querem bem.

PCS: Esse fato o leva a pensar que existe uma falta de crítica. Você sente falta do contraponto à sua visão? Quer dizer, você sente que há pessoas que discordam, mas não dizem, não criticam, não leem? Seria porque elas realmente não têm condições de ler e de criticar?

MS: Não saberia dizer por que está muito cedo ainda. Esse livro só em quatro anos.

PCS: E os outros livros?

MS: Os outros? A obra *Por uma geografia nova* virou moda. Havia quem comprasse cinco exemplares com medo de não ter mais. Era moda. Em acho que havia uma conjunção de momentos históricos, momentos políticos. Dentro da disciplina havia um certo clima. Também tem outra coisa: em relação à geografia quantitativa, uma boa parte dos que eram contra, é porque não sabiam. Não é porque eles tivessem outra posição. Não sabiam e não queriam saber. Quando a geografia quantitativa apareceu, convidei um professor de matemática moderna em minha casa em Paris. Eu queria saber e a curiosidade levou-me a ler Chorley^{VII}, Christaller^{VIII}; primeiro encontrei David Harvey^{IX}, enfim, os ingleses todos. Allen Scott^X quando veio para o Brasil em 1972, encontrou-me e disse: “Por que você se interessa por isso? Ninguém quer saber disso. Nossos livros, eles vendem 110 exemplares, ninguém compra isso”. No Brasil, os que eram contra eram por três razões: uma razão era, digamos, de ignorância, não sabiam do que se tratava, e afetava o poder das pessoas: “esses novos que estão aí propondo outra coisa”. Então afetava o poder estabelecido dos que ocupavam as “cátedras”, quer dizer, os donos das cadeiras, porque o debate intelectual não era importante. Era a questão do poder, e continua a ser. O debate intelectual era secundário em relação à questão do poder. E havia também um certo mecanicismo: “eles são positivistas e nós pensamos que somos marxistas, então vamos ser contra”. Os argumentos que eu levantei, que Ruy Moreira^{XI} levantou, não eram seguidos, ninguém usou como argumento. As pessoas gostavam de ser respaldadas, mas continuavam com os mesmos argumentos emocionais: “Não gosto”, “Isso é reacionário”, “Isso é pró-ditadura”.

PCS: Não se fazia uma análise crítica, mais aprofundada...

MS: Não faziam análise porque a geografia física sempre foi quantitativa de alguma maneira, o esquema de Christaller, depois o de Chabout^{xii}, depois o de Rochefort^{xiii} foram seguidos por todos nós aqui na universidade. Era uma fase que todo mundo pegava aquelas fórmulas de Rochefort e aplicava para entender a rede urbana, quer dizer, não tinha a sofisticação matemática, mas tinha quantificação. E a geografia do IBGE? Quer coisa mais quantitativa? Não quero ser deliberadamente aborrecido, mas chamar a atenção para esse aspecto que é um dado da vida acadêmica brasileira, essa vontade de empobrecimento, que se agravou agora, mas que sempre existiu, exceto alguns momentos que se confundem também com a vontade de construção da nação. Acho que tem relação, a criação com a construção do país.

PCS: E esta tendência de colocar algo novo? Tanto a geografia quantitativa se colocou como algo novo, quanto a marxista se apresenta como algo novo. O que o quantitativismo e o marxismo trouxeram de novo?

MS: Mas era novo mesmo. O marxismo nunca entrou na geografia brasileira. Ele é superficial como água sobre as pedras, realmente não entrou. Algumas pessoas ficam falando que são marxistas, mas de um modo geral, salvo algumas muitas poucas exceções, não houve essa entrada do marxismo na geografia brasileira, ficou simples, externo.

PCS: Ele foi quase um argumento?

MS: Ele foi um adereço. Não estou duvidando da convicção das pessoas, não é isso. Eu creio que as pessoas eram esquerdistas, progressistas e queriam ser marxistas também, mas eu estou duvidando da contribuição disso para fazer avançar a geografia. Ao contrário, a maior parte dos marxismos apregoados pela maioria dos geógrafos que se imaginam marxistas fez a disciplina andar para trás.

PCS: Como assim? Explique melhor isso.

MS: Andar para trás, porque não foi capaz de penetrar na constituição das situações. Não se tomou instrumental na análise, então permanece como um adereço, como um broche de Madeleine Albright.^{xiv} A geografia imaginava constituir-se nova sobre restos que ela não tinha coragem de jogar fora. Acho que esse é outro problema: os restos. O que era considerado resto era guardado. Somaram-se aos restos da geografia tradicional os restos da con-

cepção marxista. Daí o resultado foi o seguinte: nem marxismo, nem tradicional. O que se intitula geografia marxista hoje, inclusive esse debate sobre natureza, segunda e primeira, é o resto do marxismo. Marx jamais escreveria aquilo hoje, mas fica. Você vê, a natureza também, a sociedade e a natureza. Não sei do que estão falando. Mas é um credo, então você constrói, você imagina algo novo sobre restos, aí você atrasa; atrasa porque é um credo, sendo um credo não tem que discutir, é aceitar ou recusar. Mas isso tudo vem da falta do debate. Se as pessoas pudessem conceder, durante cada ano, vinte minutos para discutir, com modéstia... Modéstia não, suprimindo o orgulho. Você pode ser orgulhoso e modesto, o que é o meu caso. Não sou medroso, mas eu sou orgulhoso e sou modesto porque sou eu próprio que recuso o que fiz, jogo fora o que escrevi. Agora, como as pessoas não têm essa coragem, e não têm por causa do poder, como a preocupação é o poder, não podem ser desprendidos.

PCS: Também pode ser que haja uma preguiça de estudar a fundo os conceitos.

MS: Mas antes de estudar você tem que escolher. Porque você pode aprofundar o erro. Acho que esse é outro problema: esse aprofundamento do equívoco. Você radicaliza seu equívoco, aí você cria o reino das meias verdades. E aí vai construir de novo com a tal geografia infantil, com as geografias do jornalismo, com a geografia da lição de coisas, porque sendo tudo meia verdade, e meia verdade você não pode dizer que não é verdade, porque é uma verdade, mas o entendimento das coisas não é feito de coisas aladas.

PCS: De que forma você tenta fazer a leitura de outras áreas, os contatos com trabalhos que você cita muito, como uma influência forte, como, por exemplo, Sartre. Como você lida com um autor existencialista como J-P. Sartre^{xv}, não em relação exatamente à ideia construída, mas essa relação, até pessoal, como alguém que tem importância na formação.

MS: Em toda a minha formação, desde menino, jovem, digamos assim, o fator abstração sempre teve lugar, minha formação não foi uma formação onde o empírico estivesse primeiro. Eu era muito forte em matemática, dominava perfeitamente a álgebra, depois a lógica, depois a sociologia, porque para fazer direito eu tinha que saber um pouco disso. O próprio direito, toda essa ideia de direito, tudo isso era uma abstração, então tive a vantagem dessa formação e de viver num meio, viver na Bahia. Se eu vivesse aqui (São Paulo) possivelmente eu não poderia, porque eu teria minha vida compli-

cada pela economia, pela indústria, que são os grandes complicadores do pensamento social paulista. A indústria e a economia, tudo é referido nas coisas. Depois eu fui de um tempo também, em que a universidade era um tempo de pausas, tínhamos todos muitos meses de pausas onde você podia ler gratuitamente, porque a ideia de carreira não era a atual. Ninguém brigava por emprego, emprego era a coisa mais fácil do mundo, não tinha essa coisa de você sair atrás de comida. Depois, quando fui para a França, essa ideia do tempo livre ficou mais clara, porque eu tinha que dar três horas de aula por semana, e tinha férias, quer dizer, um recesso. A ideia de férias e recesso não tinha separação. Vocês, coitados, trabalham o tempo todo. Como vocês pensam e leem? Não consigo descobrir como vocês leem e pensam, porque mesmo durante os meses de recesso, chamam para conversar, qualificação, reunião, comissão... Essa tradição da interdisciplinaridade, ainda que a gente possa discuti-la, por exemplo a sociologia, como cheguei a ela, quando eu cheguei na França eu conheci pessoas que me convidaram a ir a um congresso de sociologia presidido por George Gurvith^{xvi} que era o papa da sociologia. Eu disse: "Eu vou a esse Congresso!" Era num castelo. Ficamos quatro dias trancado num castelo, ouvindo toda aquela coisa de sociólogo. Foi quando descobri que não sabia nada daquilo, então passei dois anos estudando, fui e voltei para Toulouse. Como eu tinha tempo, frequentava a biblioteca. Os livros em inglês eram destinados somente a mim, porque os franceses ainda não liam em inglês, fui ler as coisas da sociologia, completei a minha formação. A mesma coisa com a economia. Eu tive tempo para me dedicar alguns anos, a partir de 1964, a cada uma dessas áreas e quando eu perdi contato com o Brasil, não sabia mais o que era isso aqui. Para mim o Brasil era Gilberto Gil cantando, o Caetano, quando chegava a música. Só. Então a minha filosofia coincide com a mudanças do Brasil, a incapacidade de entender o país e trabalhar. Os meus cursos já não eram sobre o Brasil. Os meus cursos eram uma vontade de abrangência. A biblioteca muito bonita, a universidade. A passagem pelos Estados Unidos também. Os geógrafos franceses tinham dificuldade em se dizerem amantes da filosofia, eles não se confessavam, ainda que tivessem lido, mas a disciplina era tão forte que era uma prisão também. Então, mesmo aqueles que conheciam filosofia, não se aventuravam a ficar citando filosofia. Pode escolher qualquer um deles e conferir. Não vai encontrar.

PCS: E eles eram fiéis?

MS: Fiéis em sua área e chatos também por isso. Já os americanos adotaram modas, então eles elegiam um filósofo. Três anos era Deleuze^{xvii}, outros três anos era Lefebvre^{xviii}, mais três anos era não sei quem e eles pegaram aquilo e não usavam bem. A geografia americana sempre usou mal os filósofos. Exceto David Harvey que, antes de ser marxista, usou razoavelmente bem os filósofos. Então eu perdi a dificuldade de fazer isso também, através do americano, porque se eu mandasse um texto para uma revista francesa citando filósofos eles iriam me achar “piegas”. Então isso permitiu-me um aprendizado com leituras, de modo que quando fui reler, eu também tinha relações pessoais com o grupo do Perroux^{xix}, economista francês que tinha grande influência sobre os geógrafos; eu frequentava as casas dos geógrafos franceses, e o fato de conhecer estas pessoas e de poder dialogar com elas é que me levou a estudar, isso também era muito importante. Eu dava aula de uma hora, ministrava os conteúdos, enfim, não seriam mais do que duas horas. As aulas acabavam em abril e começavam em outubro, e aí então eu podia ler. E mesmo que eu quisesse ter descanso, não dispunha de dinheiro para ficar cinco meses de férias. Então, durante esse período, eu preparava as coisas, elaborava os artigos.

PCS: E quem estava no Brasil não estava com esta condição?

MS: Quando eu saí daqui sim, porque não tinha essa história de quarenta horas. Isso é uma ignomínia. Para vocês é perfeitamente normal, mas para mim é tremendamente maluco. Não tem isso de quarenta horas. Você é professor, é professor. Não havia isso, não havia ponto, não havia nada disso, tanto que eu li muito quando era jovem, minha mãe financiava a compra de livros meus, a gente lia muito na Bahia: essa tradição de ler e discutir. Mas lá, foram treze anos que valeram por um século de leitura. Quando estava nos Estados Unidos, eu lia seis livros por dia em média, eu pegava seis livros por dia, eu lia o dia todo. Acho que isso me permitiu o conhecimento geral das outras disciplinas, da economia, da antropologia, sobretudo porque a antropologia cultural americana era muito próxima da geografia humana francesa. Essa é a razão pela qual Gilberto Freyre^{xx} apoiou uma boa parte de meus trabalhos, porque os antropólogos culturais faziam coisas muito próximas, cada um se dizendo antropólogo e outro se dizendo geógrafo humano na França, então não se encontravam, era muito raro um geógrafo francês ir para os Estados Unidos. Eu tive também esse papel de ter lido sobre ambos; quando estava na França, eu conhecia

melhor a geografia americana do que eles. Quem leu todo mundo é brasileiro, os franceses não liam porque não precisavam, achavam que não precisavam, tal como os americanos hoje acham que não precisam de outros. Toda potência cultural desdenha os outros; é a vantagem de não ser potência. No meu caso não foi um interesse, digamos assim, de fim de tarde pela disciplina, foi porque eu estudei mesmo e só me serviu depois. Num momento era uma busca de erudição, que só me serviu quando decidi que tinha que mudar minha disciplina.

PCS: Quando?

MS: Isso começa por uma insatisfação, sobretudo, com a geografia do subdesenvolvimento. Eu manifestava muito discretamente. Tinha bons amigos. Então, a obra *Por uma geografia nova* é uma marca, mas talvez a mais forte marca tenha sido *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*^{xxi}, porque (e não está explícito) faz a crítica da geografia colonial, e por extensão à geografia francesa. A discussão do que seria o geógrafo não aparecia como teoria, aparecia como vontade genérica, digamos assim.

PCS: Mas de que forma essas leituras fortaleceram essa postura de necessidade da mudança da disciplina?

MS: Prestemos atenção para duas coisas: primeiro, que o ginásio não se reconhece mais, a começar por aprender gramática. Você aprende, depois fala e escreve sem saber por quê. A mesma coisa. Para mim é como se eu estivesse fazendo o ginásio, o colegial e uma licenciatura, de algum modo autodidata das outras disciplinas, com as incorporações de ideias, posições e com esse hábito de ver e sistematizar as propostas. Porque tinha, no começo, que acompanhar toda essa discussão que nos anos 1940, 1950, se renovam, “a geografia é uma ciência?”, outros perguntam, “o que é um fato geográfico?”, outros perguntam, “a geografia é um ponto de encontro ou é uma disciplina?”. Esse debate sempre houve, mas ele raramente ultrapassava isso. O que é curioso é que parte dos debates mais aprofundados retorna quarenta anos depois, de modo geral. Um sujeito que eu sempre li, e só agora eu reconheci que tinha lido, Éric Dardel^{xxii}, deve ter morrido bem triste, porque ele não era aceito e nem usado. A segunda edição de sua obra saiu quarenta anos depois. Por exemplo, o primeiro livro de Pierre George^{xxiii}, os colegas diziam que era insuportável, que era ilegível, que não conhecia a língua, que era denso. Aí vem o segundo George, o tercei-

ro George. A disciplina sempre recusou o debate mais denso. Trata-se de esperar ver o E. Dardel e o M. Sorre^{xxiv} serem retomados; o George que em breve também será relido. Mas a institucionalização era muito menor do que hoje. O que é um complicador, porque a institucionalização agrava esse fenômeno de poder. Há uns anos, um sujeito aí publicou no *Boletim Paulista* dois artigos sobre um tema sobre o qual eu fiz um livro inteiro, o que me rendeu um trabalho enorme, ele pôde fazer isso sem a menor referência, publicar na revista do departamento onde eu trabalhava, e trabalho, que é este (Geografia – USP). Não sei por que, o que em outros países é impensável, eu convivi com os geógrafos mais importantes da geração à frente de mim, eu conhecia as dificuldades entre eles, mas ninguém ia deixar de mencionar o trabalho do outro porque tinha muita dificuldade. Aqui pode-se fazer isso, ninguém é intelectualmente punido nem moralmente punido; quando simplesmente deixa-se de mencionar o trabalho do outro que é relevante naquela área, então o nosso debate acadêmico resulta muito pobre. É, ao menos, o que eu posso dizer.

PCS: É muito comum hoje na geografia brasileira estar se atribuindo uma origem filosófica, Lukács^{xxv}, Lefebvre, Marx etc. De que forma você vê isso?

MS: Esnobismo, são formas de esnobismo.

PCS: E a quantidade de citações?

MS: Isso é invasão.

PCS: Isso não era comum antes?

MS: Você andou lendo a história da geografia francesa; no começo, no tempo do De Martonne^{xxvi}, ele citava muito os autores alemães. Quando chegamos nos anos 1950, não se cita mais ninguém, não era uma prática citar, tampouco algo retinho, porque a citação é um processo reto, germânico, e de língua anglo-saxã, daí essa coisa do Marx que é muito chato, tudo muito certo, citando, citando, essa coisa alemã dele, porque eram os alemães que ele estava sempre citando. Os americanos impõem essa coisa que é abusiva, somos atropelados por citações. Quando os brasileiros passaram a pôr o sumário na frente também passaram a citar. Antes a gente dispunha o sumário ao final como os franceses. A citação tem a ver com o empobrecimento universitário, fulano precisa mostrar que sabe coisas, e tem a ver com a formação, ou seja, querer ser didata. Antes o que se queria era ser autodidata, como Celso Furtado^{xxvii}, Caio Pra-

do Júnior^{xxviii}, Sérgio Buarque de Holanda...^{xxix} eram todos, em determinado sentido, autodidatas.

PCS: A impressão que se tem é que: “como não sei falar sobre aquilo, utilizo quem falou, uso as suas palavras”.

MS: Não é somente isso, começa a aparecer o concurso. Quem é que fez os grandes livros brasileiros? Não foram professores. Gilberto Freyre nunca foi professor. Quando Sérgio Buarque de Holanda escreveu não havia a Fapesp. É evidente que eram todos bem-nascidos, Gilberto, Celso, Sérgio. Eles eram autodidatas, mas não tinham pressa. Faziam reflexão, ao seu tempo, somente daquilo ao seu tempo, tanto que eram obras. Hoje apenas teses são lidas porque não tem jeito. Quem vai ler uma tese se não for obrigado? É xarope. Ler Gilberto Freyre é um prazer, Caio Prado menos, mas também era um autodidata. Acho que essa disciplina universitária, ligada à noção de carreira, exige essa exibição de erudição, porque não é para um grande saber. A geografia ingressa mais tarde nisso. Esse número de citação, em grande parte é ligado a uma recusa da geografia tradicional também. Como ninguém quer se dar ao trabalho, ou não tem tempo de preparar um substitutivo da geografia tradicional, então o sujeito decide que vai pegar Lefebvre, é bem mais fácil.

PCS: Estaria pronto?

MS: Está pronto? Está pronto nada. Ele não desejou influenciar a nossa disciplina, as pessoas equivocadamente o tomam. Estes autores, Derrida^{xxx}, Lukács, Goldmann^{xxxi}, entre outros, são todos fundamentais, na formação de cada um de nós, esses nomes todos tiveram papel central, só que eles são puramente instrumento. Mas cada um tem que descobrir o seu próprio, o que cada sujeito quer. Por exemplo, Lefebvre, que é certamente o mais usado: qual é a contribuição que fez para alguma tese aqui de São Paulo? Não há uma só tese, dessas que escreveram dizendo que foram inspiradas nele, que realmente tivesse sido inspirada nele, na discussão do fenômeno geográfico. Porque, você tem é que fazer você próprio ou usar de quem fez. Fazer uma aproximação que não é do sujeito, quando ele não teve essa intenção. Ele oferece lampejos sim, mas o que se quer é mais que lampejos.

PCS: Não é uma tentativa de se formar diferente, quando se tem a recusa da geografia tradicional e da geografia teórica-quantitativa? Quer dizer, quando não se tem uma base, precisa formar uma base?

MS: Isso é esnobismo intelectual. É como o sujeito que usava paletó com a racha atrás. Boa parte dessas pessoas que usam esses autores, filósofos, sociólogos, sem saber por que estão usando, são pessoas que nos anos 1950 usavam paletó com racha atrás. Nunca podiam ser como os outros que não tinham racha nenhuma. Acho que era um pouco isso.

PCS: Eu não posso associar esse esnobismo, essa necessidade de se mostrar diferente...

MS: Mostrar-se culto.

PCS: ...com a necessidade de uma produção com um tempo curto? Por exemplo: eu preciso fazer mestrado em tantos anos e eu preciso ter uma teoria, como fazer isso?

MS: Mestrado não precisa ter teoria nenhuma.

PCS: Mas tem que ter citação.

MS: Tem que ter citação. Há uma inversão. Formar as pessoas é importante, fazê-la ler é importante, mas quem pede isso tem que saber por que está pedindo. Por exemplo, esse seu tema, você não faria comigo de jeito nenhum, ou melhor, não iria fazer antes de completar quarenta anos.

PCS: Estou quase lá.

MS: Você tem 33 anos? Mas, enfim, eu creio que tudo isso agrava a junta de elementos para a inconsistência do debate, porque um debate, que não chega a ser externo, é um debate estranho, alienado.

PCS: E tem que ser incorporado, tem essa necessidade?

MS: É o poder, o debate é incorporado por questão do poder. Você está autorizado a ter treze vítimas, e você usa esse direito de sacrificar os pobrezinhos.

PCS: À medida que você entra aqui na USP como professor e começa a lecionar, de que forma você se encontra com os alunos, aqueles que estavam chegando para o seu curso?

MS: Os alunos. Você não precisa de mais do que dois a três sujeitos interessantes na sala de aula. Porque se você quiser fazer para todos, você não faz nada que presta. Eu dou aula normalmente. Em certos anos eu fico mais erudito, em certos anos mais solto, mas, na realidade, desde que cheguei no

Brasil, o que eu fiz foi resultado de um projeto, nada foi gratuito. Eu estou aqui, aqui tem os colegas, tem os estudantes, e tem a sociedade em geral, essa sociedade que é importante porque ela obriga os seus colegas a falar do que você está fazendo, então é essa a questão principal. Mas sem me preocupar muito, pois se eu me preocupar muito eu viro um cabo eleitoral. Eu tenho que acreditar na força das ideias e fazer isso. Tentar produzir ideias que reflitam a sociedade. Um dia, que eu não sei qual vai ser, no caso de uma aceleração recente, a sociedade lhe impõe aos seus pares, e eles, quer queiram ou não, se descobrem gostando dessa coisa.

PCS: Mas houve resistências.

MS: Mas isso é normal na vida acadêmica.

PCS: Mas por quê? Havia pensamento diferente ou foi medo de perder o “status”?

MS: Na vida acadêmica isso é inteiramente normal. Você não pode impor.

PCS: Mais foi a resistência às ideias?

MS: São várias coisas juntas. Eu tive também essa resistência na França, na medida em que resolvi ficar, fui publicando e ganhando expressão, força para dizer as coisas que eu pensava, posteriormente, foram desgostando de uma forma e de outra.

PCS: E isso incomoda?

MS: Mas é normal, porque a universidade é como a sociedade: você tem sujeitos mais medíocres do que interessantes. Como é que você vai se preocupar com essas pessoas? Que eles reajam, que eles resistam, não tem a menor importância. Se eles resistem em alta voz... Isso é que seria bom que houvesse, essa resistência em alta voz.

PCS: Nós podemos dizer que no primeiro momento aqui no Brasil sua produção foi sistematizar o que você tinha “trazido na mala”?

MS: Em parte, *Por uma geografia nova* eu tinha escrito, há muitos anos, quer dizer, foram pedaços de coisas que eu ia escrevendo, na medida em que eu encontrava um problema que me incomodava, eu trabalhava. Cheguei aqui, encontrei, ou melhor, eu sequer imaginava que iria encontrar um núcleo de fermentação anticonformista, que se manifestava sobretudo nesse depar-

tamento, da parte dos que não tinham lugar, e no Rio também, também da parte dos que não tinham lugar.

PCS: Houve uma tentativa sua de juntar, numa reunião no Rio? Como é que foi isso?

MS: Eu tentei mais de uma vez juntar, mas de maneira absolutamente muito informal, porque eu nunca acreditei, eu não sou muito de grupo, sempre achei que o grupo impede de avançar.

PCS: Então por que a tentativa?

MS: Porque desejava renovar a geografia. Havia aqui professores, sobretudo Lino Bernardes^{xxxii} e Gusmão Filho...^{xxxiii} Esses dois eram os principais que, muito discretos, estavam na retaguarda, e empurravam os outros. Eles possuíam grande capacidade de organização e junto com eles havia gente como o Ari^{xxxiv}, a Lylian^{xxxv}, a Ana Fani^{xxxvi}, até certo ponto...

PCS: Um grupo mais novo?

MS: Bem mais novo, Ana Fani não deve ter quarenta anos, mulher não sai dos quarenta. O Manoel Seabra^{xxxvii} era o mais sólido de todos, mas não gostava de aparecer, era discreto. No Rio de Janeiro destaco sobretudo Carlos Gonçalves^{xxxviii} e Ruy Moreira. Então a ideia era a força de pessoas juntas. Como havia lá no exterior a tradição de produzir livros juntos, então fizemos um livro. Eu vinha aqui às vezes também, para chamar, mas eu tive vontade, não só de encontrar esse grupo, eu estava desejando alguma coisa.

PCS: Foi uma surpresa isso?

MS: Em 1977, foi alguma surpresa, porque em 1976 eu tinha vindo à Campinas. Myrna Viana^{xxxix} estava traduzindo *O espaço dividido*, que é um livro que nunca ninguém usou no Brasil, mas foi muito usado no resto do mundo; a Maria Laura^{xl} fez o seu trabalho de conclusão de faculdade a partir dele. Eu soube disso dez anos depois, mas no Brasil nunca foi usado. Aqui prevalecia uma atitude de poder que impedia. Podiam chegar até a conversar com você. As pessoas eram minhas amigas. O meu melhor amigo era Araújo Filho^{xli}, como sempre, mas havia essa separação. E essa estrutura de poder impedia as pessoas de manifestações. Então eu apareço como a voz.

PCS: Às vezes aparece como a voz que as pessoas não tinham, mas também como a ligação entre maoísmo e geografia porque também eles não sabiam fazer aquilo.

MS: Não sei se não faziam. É que a geografia nunca foi ensinada. A geografia era empírica [...].

PCS: Muitos na geografia brasileira, naquele momento, como Carlos Walter e Ruy Moreira, tinham uma formação de esquerda, leituras marxistas, mas isso estava dissociado da geografia. No caso, sua obra *Por uma geografia nova*, foi uma luz, um indicativo, da ligação?

MS: É, até, de alguma forma. Na realidade, eu penso que juntei mesmo somente agora, em 1996. Eu acho que o trabalho de junção, se terminou, foi agora. Acho que o livro *Por uma geografia nova* significa combate, nesse sentido.

PCS: Mas ele foi escrito, à luz do que já estava acontecendo aqui no Brasil, ou não?

MS: Fora. No Brasil eu não tinha ideia; no Brasil me enganaram. Disseram que a universidade era um negócio muito importante, cheguei aqui convencido que a universidade era um lugar denso, você podia discutir coisas com profundidade, eu fui enganado pelos colegas.

PCS: Comparado com a França? Mas na realidade brasileira, não era talvez de um dos poucos lugares em que havia debate, ou não?

MS: Não dá para comparar com a realidade de um sindicato, mas o debate propriamente não tinha. Na minha área não havia o debate. Houve momentos, alguns fragmentos de temas, mas a coisa descambava logo na classificação. Houve gente que me achou estruturalista, outros me acharam funcionalista, muitos me achavam marxista. Porque descambava na rotulagem. Isso não é debate, é bate boca.

PCS: Essa rotulação vem por conta do quê?

MS: Por conta da pobreza do debate, porque aceita-se tranquilamente “emburrecer” o debate, porque não se sabe outra coisa.

PCS: Então, por causa dos grupos de esquerda?

MS: Sim, mas podiam pegar outras coisas. Se analiso *Por uma geografia nova*, eu posso criticar esse livro em alguns pontos, podia ser criticado, a partir de

afirmativas próprias à disciplina ou ao que a gente imaginava que devesse ser a disciplina. Mas fica um debate externo.

PCS: Quando sua produção “chega ao Brasil”? Além dessa que você já “trouxe na mala”, quando é que muda essa produção de ideias, para as questões que estavam sendo discutidas aqui, questões mais nacionais.

MS: Vai demorar muito. Eu lia o que se escrevia sobre o Brasil com enorme desconfiança. Eu lia com muito cuidado, não tinha coragem de repetir o que escreviam as pessoas sobre o Brasil. Eu nunca entendi direito porque as pessoas gostavam de certos autores que se tornaram consagrados. Coisas, como por exemplo, um livro que era muito citado, de Chico de Oliveira^{XLII}, eu nunca entendi por que ele escreveu aquilo, mas eu também não dizia por que eu gostava muito dele, era amigo do meu irmão, e eu imaginava que era ignorância minha. Então esperei muitos anos antes de poder ler o que era escrito sobre o Brasil, porque eu não tinha uma teoria própria sobre o Brasil. Eu não conhecia mais nada.

PCS: Teve que aprender de novo?

MS: Tive que reaprender, e tive que encontrar leituras que eram esforços teorizantes sobre o Brasil, e que só agora vai aparecer com esse livro que estamos terminando. Depois de vinte anos. Então eu praticamente não entrava muito no debate sobre o Brasil. Estava esperando a possibilidade de conhecimento.

PCS: E de que forma a ida aos encontros da AGB, ou como convidado a outros lugares, ajudou você a conhecer, a ter a noção do que estava acontecendo com o Brasil? A produção geográfica ajudou alguma coisa?

MS: Mais a leitura. Porque nós não temos o hábito de discutir na mesa, por exemplo. Nós não nos sentamos a dois para discutir, exceto quando temos uma entrevista para uma dissertação. Não há esse hábito. As reuniões são todas sociais. A vida social tem muito mais força entre os homens da universidade do que a vida acadêmica. As pessoas reúnem-se para “bater papo”, para tomar cerveja [...]. Você acaba não sabendo nada. Exceções à parte, nas relações sociais as pessoas são pouco educadas. Quando você é convidado, você é um servidor do evento, você conta por chegar lá e cumprir um papel teatral. Não é para discutir nada, que chamam.

PCS: Você se sentiu usado em alguns momentos?

MS: Usado não, porque me servia também. Mas hoje avalio melhor. A maior parte destes encontros foi puramente teatral, as pessoas estavam preocupadas com *folder* e não com o debate. Tanto que lhe perguntam sobre uma frase da televisão; ninguém pergunta sobre uma ideia de um livro, o que é um outro aspecto. Você é convidado por uma faculdade, as pessoas querem falar sobre o debate da televisão, perguntam do “gordo”, Jô Soares, não é sobre o tema. Então você vai dez vezes para que em uma vez perguntem alguma coisa sobre tema.

PCS: E quanto à estrutura aqui da USP, do departamento, de estar num laboratório, começar a orientar, como é isso?

MS: Praticamente, ocorreu desde que cheguei aqui, porque nunca me fizeram restrições a orientar.

PCS: Que importância teve isso na sua obra atual?

MS: Teve várias importâncias. Primeiramente, para eu mesmo disciplinar a minha invenção própria, e como convencer as pessoas de que a disciplina é uma coisa boa. Não me pareceu comum, entre os orientadores que são fomentadores da indisciplina e da desordem de modo geral, a pretexto de serem gentis com seus orientandos. Com limites próprios, porque há pessoas que você não consegue de modo nenhum orientar. Você insiste até um certo ponto e abandona e nem sabe que você o abandonou. Você larga porque você vê que essa pessoa é quem não quer ser dirigida, e não aprende a dirigir também. Em alguns casos houve um enriquecimento das minhas hipóteses. Esse enriquecimento se dá quando a pessoa vai mais além.

PCS: A partir dos trabalhos dos próprios orientandos?

MS: Sim. Mas também a experiência de ser rigoroso com eles, acho que é o que solidifica mais, quando eu consigo ser rigoroso, tem melhor resultado.

PCS: Como você consegue se relacionar com o tempo para a pesquisa? É algo que não fazia parte de sua formação.

MS: Mal, muito mal. A invasão da “burrice” na vida universitária parece ser ir-reprimível. Na medida em que, mesmo os melhores espíritos decidem ser burocratas, aí a gente tem a impressão de que tudo está perdido. Esse é o drama atual da universidade: esse crescimento do papel do poder, não na estrutura, mas na vida acadêmica. Esse crescimento que, para uma boa parte das pesso-

as é imperceptível. Para mim é muito visível e tem efeitos que as pessoas não avaliam. Nos meus dezessete anos de USP eu vi esse processo se agravar.

PCS: Pela militância?

MS: Não é bem a militância, é mais a aceitação cada vez mais ampla e aprofundada da camisa de força.

PCS: Da própria estrutura que se questiona muitas vezes?

MS: É.

PCS: O financiamento das pesquisas, e a forma como é estruturada, atrapalha ou facilita? No Brasil tem uma estrutura propícia para a pesquisa?

MS: Creio que sim.

PCS: Você conseguiu fazer todas as pesquisas que queria?

MS: Bom, as pesquisas inteligentes não precisam de muito dinheiro, em ciências humanas, não precisa de muito dinheiro. Nem quero ter. Quanto mais dinheiro você tem, é pior, porque, quando se tem muito dinheiro você é conduzido a estabelecer uma estrutura burocrática muito forte, fica escravo dela, você passa o tempo buscando dinheiro, você vira diretor de laboratório e não realmente cientista. Algum dinheiro é necessário, e aí a ideia de que a universidade tem que ter seu próprio dinheiro da pesquisa é central por isso, porque você não pode confiar no dinheiro de longe, nem no critério de longe. Mas o Brasil em relação a outros países não está mal não. Já estive melhor. Todos reclamam do valor das bolsas, mas onde você acha bolsas desse valor? Ele é pequeno, porque as pessoas não são estudantes. A maior parte dos nossos alunos aqui, que são tomados por estudantes, são pessoas que têm uma vida social sobretudo, e que de vez quando estudam, mas o central mesmo é a festinha, é a cerveja, é isso que é central na vida acadêmica, não é a biblioteca, então o dinheiro não pode chegar. Porque se usa o dinheiro e quer ter a vida da classe média.

PCS: Ascender?

MS: Não, ascender não. É viver como classe média. No caso de um país como a França você não tem bolsas desse tipo. Bom, a diferença é que aqui você não tem bolsa na graduação, o que é absurdo; não tem praticamente bolsa de graduação. Fala-se de democracia, fica essa discussão boba aí de universi-

dade pública e privada. Quando você entra pobre, mas não tem bolsa, como é que você vai sair? Mas esta discussão não existe, e ela devia existir aqui na geografia porque é lugar de pobre.

PCS: Se formos pensar nas pessoas que assumiram cargos de chefia na estrutura burocrática, vemos que grande parte de quem assumiu foi de pessoas que fizeram críticas à própria estrutura.

MS: Eu não vou cair na sua armadilha, faça outra pergunta. Responda você mesmo (risos de ambas as partes).

PCS: Mas há uma tendência de crítica às instituições. Por exemplo, Ruy Moreira no texto “Assim se passaram dez anos”^{XLIII} faz essa menção, relacionada a quem faz crítica às estruturas na universidade e quando entra...

MS: Quando se instala.

PCS: Quando se instala, se institucionaliza, visando o próprio status quo.

MS: Eu escrevi isso em algum lugar também, sem essa ênfase.

PCS: É uma questão importante a ser discutida? Até que ponto isso corrompe o desenvolvimento das ideias?

MS: O problema é o da impossibilidade da solidão. Quanto menos só você se torna, menos capaz você é de avançar.

PCS: Politicamente?

MS: Não, intelectualmente. Politicamente não, politicamente você precisa. Paulo Maluf tem grande amigos.

PCS: Mas, quanto mais você convive, mais você avança.

MS: Não. Você tem que ter amigos. Uma coisa é ter amigos. Você pode ter amigos e ser só, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Eu estou referindo-me aos grupos de solidariedade na busca de poder, de alguma outra forma de poder.

PCS: Essa acaba sendo a base comum?

MS: Eu acho que essa é um pouco a base da vida acadêmica brasileira.

PCS: E a solidariedade para a busca das ideias?

MS: Ela fica em segundo plano porque você não pode discutir plenamente o que quer que seja. Sua discussão é sempre condicionada.

PCS: Quando você é convidado para uma banca de mestrado ou doutorado, como você lida com isso? É aberto totalmente para fazer críticas?

MS: Sociologicamente, eu incorporo sociologicamente ao entendimento da disciplina, de uma situação.

PCS: O que é essa incorporação sociológica?

MS: Incorporação seria a relação entre o orientador e aluno, que de uma forma ou de outra transparece na dissertação ou na tese, a formação de base do aluno, o conteúdo disciplinar do texto. Quando um sujeito faz a tese e cita literatos, sociólogos, antropólogos, ele não tem nenhuma preocupação com a disciplina, propriamente dita. Tudo isso incorpora-se a um entendimento de um estado da sua disciplina, como ela está naquele momento. Seria o método a usar, um dos métodos para seu trabalho.

PCS: Sociologia da ciência?

MS: É, mas a partir do que está escrito. É isso que eu acho que você incorpora. Para isso se incorporar tem que estar preparado.

PCS: De qualquer forma, a incorporação não é uma exposição de tudo o que se pensa?

MS: São dois momentos diferentes. A exposição não é oportuna, ou não é um bom momento, e se você tem um projeto acadêmico, pode não ser um bom momento. Tenho textos que estão esperando há dez anos para serem publicados.

PCS: Tem que ter paciência?

MS: Tem que ter, uma consciência que você vai ter vida. Essas questões me inspiraram a ter que escrever alguma coisa e escrever lendo, porque você tem que pesar cada palavra. Você envolve sempre outro. Para você não deixar de dizer tudo, você tem que encontrar a formulação, você não quer agredir as pessoas que você quer bem.

PCS: Em algumas entrevistas, você fala muito da sua ida, às vezes, ao exterior para estudar. De que forma isso, ao mesmo tempo, é novamente uma tentativa de...?

MS: Distanciamento.

PCS: Mas, isso é empregado como método?

MS: Isso sempre ocorreu, desde os anos 1960. Sempre fiz isso. Inclusive, quando o governador da Bahia me convidou para ser diretor da Imprensa Oficial, uma das condições incluía que eu pudesse sair de lá por alguns meses.

PCS: Essa ida aconteceu para buscar alguma coisa fora, ou não?

MS: Também.

PCS: Buscar leituras que não aparecem aqui, contatos?

MS: Leituras. Cada vez menos leituras. Mas você revê estando fora. Você não tem jornais que te façam perguntas.

PCS: Não tem cotidiano?

MS: Não tem esse cotidiano, você reinterpreta o cotidiano. Você é forçado a fazer comparações. Uma coisa que eu não escrevi ainda, mas vou escrever; de fato, interesse-me cada vez menos em dar conferência no exterior, é a coisa mais chata para mim, é quase um castigo, sobretudo se eu tiver que falar para latino-americanistas, brasilianistas... Com frequência recuso.

PCS: Por quê?

MS: Porque eu acho que é inútil, você não tem prazer, geralmente são pessoas medíocres. A minha experiência como geógrafo se deu sobretudo com grandes pensadores: Pierre George, e outros, e algumas pessoas agradáveis, brasilianistas também inteligentes como Monbeig^{XLIV}, que não era um grande pensador, mas era agradável, inteligente. Hoje, os brasilianistas estão no poder, eles são homens do departamento de Estado de seus países, então é uma discussão que começa trancada, não tem muito o que extrair. Como é que você vai passar um mês em um país desses? Porque para você se dedicar a preparar uma palestra em outra língua, para um outro público, é uma tensão que dura alguns dias. Como é que você vai se tencionar durante uma semana para produzir um “troço” que é puramente ornamental? Quando você tem trinta anos é um dado no currículo. Mas, a partir de uma certa idade, o importante no currículo é aquilo que você não aceita. Não me seduz. Eu vou mesmo para ficar lá e olhar o sumário de um livro, pois o sumário tem um papel pedagógico

muito importante, é a forma que você articula os temas, isso é o sumário. Acho que tudo isso você faz sem hora marcada. Você fica à vontade ali e, com a distância de ter ido ao Estados Unidos, eu rearrumei minhas ideias sobre o Brasil.

PCS: De certa forma, não é uma busca de uma visão do Brasil visto de fora?

MS: Não é uma vista de fora, é uma vista com as impressões próprias; hoje sou cidadão, não era em 1970, pois eu não sabia mais nada, eu era ignorante do país. Em 1970 eu sabia mais sobre a Venezuela do que sobre o Brasil, porque eu trabalhava lá, e não era país complicado para um estrangeiro, eu era um venezuelanista. Então era simples. Eu não era autor venezuelano, era venezuelanista, então eu arrumava coisas, com a minha cabeça, com minha experiência latino-americana, africana e europeia, eu arrumava, conseguia ter um quadro de ideias, porque a ideia é um arranjo, a ideia é isso, você arranjar coisas. Mas se esgotava nisso.

PCS: Como você se relaciona com os temas ou ideias ou acontecimentos, com as ondas teóricas ou temáticas? Você chega a congelar e não tratar delas no primeiro momento?

MS: Essa coisa que a geografia brasileira aceitou até pouco tempo, depois se cansaram, a chamada pós-modernidade, nunca consegui entender o que é. Eu tenho em casa quarenta livros.

PCS: Você espera um pouco?

MS: Não, eu vou lendo, eu estudo. Fiz um artigo em coautoria com a Maria Laura Silveira, que foi publicado não sei onde^{XLV}, discutindo um pouco a questão da pós-modernidade, mas sabendo que aquilo não dava em nada.

PCS: Mas você procura entrar no debate?

MS: Acontece que eu quis entrar e vi que não tinha utilidade. A minha conclusão era que aquilo era uma moda, uma onda.

PCS: Quando o Harvey esteve aqui, ele disse que colocou aquele tema no título, mas não se considerava “pós-moderno” e nem gostava muito da discussão, mas quis colocar aquele título para fomentar o debate, como uma estratégia para instigar o questionamento.

MS: Mas não será uma estratégia de vendas? Não tem nada a ver com a porção genuína do saber, você pode fazer essa concessão, os leitores frequentemente lhe impulsionam nessa direção, mas não acho que ele não seja íntegro, não é isso; todavia, não chega a ser uma contribuição importante.

PCS: Como você se relaciona com as editoras brasileiras? Como foi sua chegada? Elas impuseram alguma coisa?

MS: Foi o Florestan Fernandes^{XLVI} quem me introduziu no grupo Hucitec. Tinha o Tamás Szmrecsányi^{XLVII}, tinha esse outro sujeito aí que hoje está na editora Contexto, acho que era um dos financiadores. Eu não conhecia o Florestan, porque minha relação maior fora da geografia era com o Rio de Janeiro; aqui, era com os geógrafos, Aroldo de Azevedo e Caio Prado; Florestan não, eu o conheci nos Estados Unidos. Quando eu cheguei, ele estava muito zangado com a USP, e eu não tinha como entrar aqui na USP também, então ele conhecia um pouco as minhas coisas.

PCS: Como alguns acontecimentos, por exemplo, o fim da União Soviética, influenciam as suas obras?

MS: Nunca me ocupou porque eu estava preocupado com a história mesmo, eu não ia ficar atrás de um evento.

PCS: Mas essas transformações não tiveram nenhuma importância?

MS: Não, nunca escrevi nada sobre isso, em nenhum lugar, porque eu já tinha descoberto que esse evento era apenas..., você tem a história se dando e você tem o evento, mas o que interessa é a história se dando. Eu não iria me deter nisto.

PCS: E não teve nenhuma influência na história?

MS: Confesso que não.

PCS: Nem a história política brasileira recente?

MS: História política brasileira sim, é claro que sim.

PCS: E os debates políticos?

MS: Eu já escrevi, me manifestei. Eu creio que esse livro que está saindo agora é uma espécie de crítica à política brasileira.

PCS: Sobre o Brasil?

MS: Sobre o Brasil também, só que eu não faço, não aceito fazer proselitismos, acho que é indigno, e nem panfletismo porque acho que não ajuda, panfletismo não ajuda. Você é muito mais eficaz quando você é sóbrio.

PCS: Mas estas questões não se transformam em questões não resolvidas, em restos?

MS: É difícil dizer, porque a principal coisa não resolvida são os currículos. De modo geral, os nossos estudantes entram na faculdade para serem deformados pelos nossos currículos. Nós os deformamos e completamos a deformação na carreira docente.

PCS: Em que sentido? O conteúdo, a estrutura, a sequência?

MS: Eu acho que a maior parte dos currículos de faculdade são muito permissíveis, por exemplo, uma disciplina: “História do Pensamento Geográfico”, é raro que se fale em geografia nessa disciplina, no país todo.

PCS: Do que é que se fala?

MS: De outra coisa.

PCS: De método?

MS: Não. Simplesmente de outra coisa. Uma disciplina como “Teoria e Método”, com frequência vira metodologia, e não é.

PCS: Seriam grandes linhas...

MS: Seriam, mas com frequência se remetem a Lefebvre, ou àquele inglês que escreveu sobre cidades, ou como não sei quem. Então há uma permissividade que na realidade desmancha os estudantes. O que é que você tem para discutir com eles? Uma boa parte das gerações que ensinam nas universidades não teve mestre.

PCS: Como assim?

MS: Tome nota e pense no que eu estou dizendo: “– Não teve mestres!”

PCS: Não teve como formar uma base?

MS: Deformação.

PCS: Fragmentado?

MS: O que é um mestre? O sujeito vai acumulando, e aí chega um estudante, por mais egoísta que seja esse sujeito, ele passa isso para o estudante. O estudante não sabe disso, sobretudo agora, que as pessoas falam sobre o saber social, que a sociedade constrói as ideias e que você é apenas um porta-voz. Isso é uma bobagem infinita. A maior parte dos que ensinam nas faculdades simplesmente não teve isso. Foram formados a partir de nada e agora estão formando outros. Esse é que é o problema dos estudantes em geografia, do que eu imagino. Entre numa sala de aula e pergunte sobre uma categoria da disciplina, faça essa experiência. A culpa não é do estudante. Há um processo de desmanche que se completa com a permissividade da pós-graduação, a responsabilidade é dos cursos.

PCS: Isso é percebido claramente nas teses?

MS: Não, porque as pessoas não têm a menor ideia do que estão fazendo. O geógrafo, de um modo geral, é um irresponsável, ele não sabe o que está fazendo, ele vai fazendo. Parece-me que se trata de um caráter da disciplina, você vai fazendo, você não pára para perguntar por que eu estou fazendo isso ou aquilo, e você faz bem aquilo, só que não devia fazer aquilo. Você fala dos restos, as pessoas não sabem o que é resto, porque elas não têm ideia da história dessa disciplina.

PCS: E não tem nenhuma visão crítica da história da disciplina?

MS: Não pode ter. Não é que não tenha, ele tem a visão crítica da cor do suspensório do sujeito. Mas, como ele pode ter uma visão crítica? A crítica é fruto da análise. Análise não é um transpirar, você tem que se sentar, trabalhar.

PCS: Você é pessimista em relação a essa produção?

MS: Não, eu não sou pessimista, ao contrário, sou otimista, basta ter quatro sujeitos.

PCS: E tem?

MS: Ah, deve ter sim, com certeza tem. Com dificuldade.

PCS: Mas não se constitui como um movimento?

MS: Não tem movimento nenhum, porque a universidade hoje é amorfa. A Universidade constitui-se, de certa forma, num processo de cretinização. A vida acadêmica é um convite a ser cretino.

PCS: De que forma esses “quatro sujeitos” poderiam contribuir para essa geografia?

MS: Como sempre foi.

PCS: Produzindo?

MS: Produzindo, acreditando, esperando. O problema é que hoje é difícil esperar. As pessoas aceitam esse processo de cretinização porque ele não pode esperar. A institucionalização numa disciplina como a geografia, isso é mais fácil, porque nós não sabemos o que estamos fazendo, não é uma preocupação central.

PCS: E essa expansão da geografia, expansão de cursos, de publicações...

MS: Tudo é burocrático, a maior parte da expansão é burocrática. Aí a gente volta ao ensino outra vez... A geografia se mantém porque tem gente ensinando, tanto que, quando tem um debate sobre a área de geografia, é feito em função das vagas possíveis: “– Se a geografia sair do currículo, perderemos diversos lugares!”. Não é sobre o que nós vamos contribuir para a sociedade.

PCS: É mercado de trabalho?

MS: Não é mercado de trabalho, porque podem forçar outro mercado de trabalho, não poderíamos formar outro. Não podemos porque nós não somos formados. É um círculo vicioso. Ao invés de se fazer um esforço para ampliar, aprofundar o conhecimento da disciplina, decide-se que é Lefebvre quem deve orientar o curso de pós-graduação ou de graduação. Renuncia-se a formar geógrafos, por conseguinte renuncia-se a criar um mercado de trabalho. É por isto que há, aparentemente, esta mania de livro didático, tem todo um transfundo que é muito forte, essa relação umbilical entre uma geografia infantil e essa proeminência do papel do ensino secundário que a AGB decidiu patrocinar.

PCS: E essa multiplicação de revistas?

MS: Essas publicações são também burocráticas, porque se escreve as “merdinhas”, que a *Revista Território* não publicará. Quantas revistas de Geografia temos hoje no Brasil? Revista mesmo, não tem, revista mesmo temos apenas a *Revista Território*^{XLVIII}. E tem a do laboratório aqui do mezanino, a *Revista Experimental*. O resto chega a ser um depósito de “merda” no geral, e que não

pode deixar de ser publicado porque são revistas do departamento, porque se você não publica você não se elege chefe.

PCS: Mas, se as outras pessoas não publicam?

MS: Publicam, mas nas suas próprias revistas. Elas criam, e como geralmente têm medo de publicar, então os estudantes publicam trabalhos de classe. O trabalho de classe, por causa do computador, tem que ser feito em um mês. São estes que aparecem nas revistas. A revista daqui, agora publica trabalhos de estudantes.

PCS: Mas o estudante tem a necessidade de publicar, é quase uma norma?

MS: Precisa burocraticamente, não é intelectualmente. Não “precisa” publicar como candidato a intelectual, ele “precisa” publicar como candidato a um “monstro”.

PCS: Como candidato a uma vaga, para ter um lugar para continuar produzindo?

MS: Então, é o melhor que se faz? Cria você sua revista... Aí, até mesmo em Marechal Rondon, eles têm a sua própria revista.

PCS: Hoje ficou fácil, a tecnologia, o computador.

MS: Isso não quer dizer que daqui a pouco não haja de novo boas revistas. Sempre haverá. Mas a gente volta, no meu modo de ver, ao centro da discussão: o importante é saber o que a gente está fazendo.

PCS: Daí, então, a necessidade de alguma teoria de base?

MS: Uma, qualquer que seja, mas tem que ter alguma coisa; do contrário, continuaremos a fazer jornalismo sempre.

PCS: Seu projeto é esse?

MS: Eu creio que é evidente, só que não tenho nenhum poder político, renunciei a tê-lo há bastante tempo.

PCS: Não é preciso?

MS: Não mais. Eu não tenho nem quarenta, nem cinquenta, nem sessenta anos. Para os que têm é muito diferente.

PCS: Você considera que conseguiu fazer uma Escola?

MS: Difusa. Porque a escola, numa universidade nova como a nossa, é complicada. Você tem o embrião da escola do professor Aziz Ab'Saber^{xlix}, você tem o embrião da escola do Carlos Augusto^l; já na geografia humana, você tem grupos de amigos que se apoiam mutuamente, escola propriamente não, porque há uma confusão entre prestígio e poder.

PCS: E o seu caso?

MS: Meu caso é um acidente geográfico, não é exemplar. Eu chego aqui de volta com cinquenta anos já com uma obra, eu nunca consegui ser aceito completamente.

PCS: Mas é possível ver hoje uma linha “miltonsantiana”, tem gente tentando entender a obra, tentando estudar?

MS: Nesse caso, são as beiradas, você vai comendo e tem que ter força para esperar, com fé que está fazendo um trabalho, mas não é uma escola, é difuso, digamos assim.

PCS: Mas dá para localizar.

MS: Bom, tem as meninas aqui, coitadas, que são minhas vítimas, mas aí, elas aceitaram serem vítimas. Entre as que aceitaram a ser vítima, encontra-se uma pessoa maluca como a professora Adélia de Souza^{li}, mas há também pessoas fora da disciplina.

PCS: E essa recepção, que é uma recepção muito boa de fora da geografia mesmo, em outras áreas, uma recepção muito boa.

MS: Eu creio que sim, mas vem do fato de que para ser interdisciplinar você tem que ser primeiro disciplinar. Se você não tem uma estrutura, você não sabe o que está fazendo, você não tem audiência. Como você sabe o que está fazendo, se tiver a possibilidade de esperar, como todo mundo tem, aí você tem interlocutores.

PCS: E o fato ter recebido prêmios.

MS: Foi importante. Eu não saberia pôr as coisas na balança para saber. Mas creio, penso que é mais um resultado de minha presença na USP, pois tenho aqui vindo quase todas as semanas; dou aula numa sala com mais de trezentas pessoas e há apenas duas delas interessantes, acho que é isso. Nunca fiz concessão. Eu não me lembro de ter feito concessões. É mais

isso. Aí chega esse prêmio, o prêmio em si, a televisão, o Programa do Gordo, Roda Viva e como, geralmente, são preguiçosos, querem falar sempre com as mesmas pessoas.

PCS: A partir daí mudou alguma coisa, surgiram convites, abriram-se portas, facilitou?

MS: De certo ponto mudou, facilita, mas também pode conduzir a um “fascinismo”.

PCS: Por exemplo?

MS: Há várias vertentes possíveis. Uma delas é você atender à mídia, ter que estar sempre inventando bobagens, ou seja, começa a dizer besteiras para vender manchetes, porque a manchete é uma coisa inusitada, para ser manchete inventa-se algo inusitado. A outra coisa é você ceder ao fácil, porque precisa dizer as coisas em quinze segundos. Só que tenho ressentimento sobre isso, porque cada vez eu sou menos convidado para falar sobre o que eu trabalho, e mais sobre o que eu digo, inclusive dentro da própria geografia. Pedem-me para falar outra coisa.

PCS: Dentro daquilo que a mídia pergunta, é comum os interesses dela também se tornarem interesses dos geógrafos.

MS: Porque eles são fáceis. Como a formação dos geógrafos é fácil, é uma disciplina que se quer fácil, fácil no sentido de leve, jornalístico, o que eles aprendem vai trazer isso, então a demanda não é de complicação; as categorias principais que eu propus, passam sob silêncio.

PCS: A geografia atualmente pode ser um paradigma para o mundo, porque ela sempre foi universal; só que hoje, essa universalidade é concreta e por isso ela pode ser...

MS: Testada.

PCS: De que forma isso pode ser passado para as pessoas? Porque isso não é muito bem compreendido, acho que nem dentro da geografia, essa é uma questão muito complicada, pois no século XIX, temos a biologia, a história natural, e no século XX a economia, a organização econômica, o progresso e o desenvolvimento. De que forma a geografia pode se estruturar na vida das pessoas, no pensamento. Por que ela é um paradigma? Por que o mundo é assim? O mundo já se construiu nessa base geográfica, ou por que a geografia tem essa intenção?

MS: São as duas coisas, acho. Temos a busca que é permanente, o que eu chamaria de historicidade da disciplina; num momento histórico uma disciplina acaba se levantando, como a psicologia num momento, a sociologia noutro momento, e hoje o território é dado, de um lado da riqueza, através da escolha muito precisa pelas grandes empresas, dos lugares de sua organização; e na outra ponta o cotidiano, só que, por exemplo, os geógrafos não fazem esforço de “geografizar” sobre o assunto cotidiano, pegam tranquilamente a noção da sociologia, e parte dos geógrafos imaginam que estão fazendo geografia.

PCS: Para ser um paradigma não tem que estar socialmente aceito?

MS: Essa palavra “paradigma” eu não uso mais; eu usei, hoje nem sei mais o que é.

PCS: Então como seria isso?

MS: A questão não é um paradigma, a questão é você produzir um sistema de conceitos; lembro-me que a gente falava nisso, quando eu descobri os ingleses, Chorley, Hagett^{LII}, o próprio Harvey, descobri nos anos 1960 e tantos; e eu achava formidável. Eu deixei de usar a palavra paradigma, nunca mais usei, porque isso não é assim.

PCS: Então, é a questão de ser uma filosofia para o mundo?

MS: Mas a geografia não é uma filosofia, é uma “filosofiazinha”. Transcender o imediato, superar o contingente, eu acho que é isso: essa superação do contingente.

PCS: Iniciando um sistema de ideias que torna possível entender o sistema mundo.

MS: É uma generalização.

PCS: Mas para ela ser isso ela tem que ser socialmente reconhecida. Ou não?

MS: Ao contrário, primeiro se constrói o sistema; depois sim ele é reconhecido, porque inversamente, o sistema pode ser reconhecido e estacionar; ou seja, paralisa, estanca. O reconhecimento é como o *Data Folha*, o que se pode fazer com o *Data Folha*?

PCS: Nesse caso, essa pretensão de obter reconhecimento não é o principal.

MS: Não, não é por aí, você tem que acreditar, produzir algo que lhe parece capaz de aproximar-se da verdade.

PCS: Qual a garantia?

MS: Por que você quer garantia?

PCS: Sem nenhuma garantia?

MS: Não precisa disso.

PCS: Preocupar-se com isso é uma camisa de força?

MS: Que é o problema da universidade atual, querem que se garanta tudo. “Qual é o produto?”, eles perguntam. Não dá resultado.

PCS: Imediato?

MS: Hoje é muito difícil, eu faço isso hoje, estou com setenta e três anos, não me interessa dar soluções. Mas vá você em Vitória dizer a alguém que não interessa soluções. Solução não é o meu problema, não é meu trabalho, e não é. Só que hoje é difícil você dizer isso.

PCS: Poderá ser dito: se você não tem solução, não tem serventia.

MS: Vão achar que você é um...

PCS: Um erudito?

MS: É. Tanto é culpa da instituição, que na geografia ela tem um papel que passa muito pela coisa do ensino, que é um complicador dessa discussão toda da geografia. A AGB já se perguntou: o que vai acontecer se criarem Escolas Normais Superiores? Que é o projeto. A AGB vem se perguntando isso?

PCS: Creio que não.

MS: E a sua Universidade?

PCS: Também não.

MS: E essa aqui?

PCS: Não sei.

MS: Eu sei, não se perguntou, tanto que ficou de se discutir se seriam três aulas por semana se seriam quatro, se entraria na sexta série... A geografia se presta muito por causa da sua herança empiricista.

PCS: Mas essa herança é em parte, porque de certo modo a geografia também é universalista, e de outra parte, ela tentou explicar o mundo, tentou dar ao mundo uma imagem, não é isso?

MS: Sempre houve isso, mas o que comandava era o empiricismo. E quanto a Humboldt^{LIII}, Vidal de La Blache e todos os demais?

PCS: Mas para a geografia ser isso ela tem que ser madura, tem que ter uma maturidade; em alguns momentos ela tem.

MS: Entre jovem e madura, jovem é melhor do que madura.

PCS: Mas em determinado momento, você disse que a geografia brasileira, hoje, é madura...

MS: Não sei.

PCS: Atingiu a maturidade.

MS: Eu digo isso que é para encorajar as pessoas, mas eu acho que não.

PCS: A julgar por esta entrevista, dá para ver que não.

MS: Eu digo isso sempre que posso, porque isso tem o papel de imprimir nas pessoas um pouco de fé, mas a minha experiência mais profunda diz que não é madura, porque falta o debate mais profundo.

PCS: E seu percurso? Em *Por uma geografia nova* está antecipada a ideia de um projeto e agora, em *A natureza do espaço*^{LIV}, surge a ideia da realização.

MS: Acho que esse projeto não podia ser o mesmo, vinte anos depois.

PCS: E o que foi deixado de lado? O que se fortaleceu? Ou o projeto continua?

MS: Isso é difícil. Outro dia, foi para fazer a exegese, mas, muita coisa foi revista.

PCS: Isso ocorreu muito mais por mudanças suas ou por mudança do mundo?

MS: As duas coisas, acho.

PCS: Coisas que não valem mais a pena serem ditas, não têm mais sentido?

MS: Podem ter sentido em si, mas não dentro do sistema, eu acho que é isso.

PCS: Muitas vezes fala-se da teoria dos sistemas como uma coisa superada, que a geografia crítica tenta superar a teoria dos sistemas. A impressão que eu tenho, no seu caso, é que isso está claro, que a função do sistema de ideias é oferecer condições de entender o sistema mundo. Isso é teoria do sistema?

MS: Não. É curioso que Marx falava em sistema, depois veio a expressão: “teoria dos sistemas”. Eu, naturalmente, a introduzi na geografia francesa; estudei nos Estados Unidos e não sabia o que era, e alguns amigos brasileiros estavam lá e ficaram encantados; na ocasião, comprei um livro que estava sendo estudado lá, comprei dez exemplares e distribui, e descobri essa ideia de sistema que era trabalhada no curso de matemática da escola politécnica também. Infelizmente, ganhou uma conotação de positivismo americano em sua introdução na geografia. E com a superficialidade de parte do debate de 1978, a palavra “sistema” passou a ser similar à reação ao positivismo, aos generais, à CIA. Às vezes, as pessoas se levantavam e perguntavam, “porque o senhor é da geografia crítica e fala de sistema?”; frequentemente, havia um jovem que sempre fazia esse tipo de pergunta; aqui essa sugestão foi feita a um sujeito que anda se arrastando pelos corredores aí, encostado na parede. Como é o nome dele? Escreve livros didáticos. Deram a ele a encomenda de me fazer perguntas desagradáveis. Ele ensina aqui, é um milionário de livros. Recebeu a encomenda de me fazer perguntas desagradáveis, acabou sendo nomeado professor. Então eram perguntas desse tipo.

PCS: Em 1978, na obra *Por uma geografia nova* o conceito de totalidade era muito importante. E hoje também.

MS: Sobretudo hoje.

PCS: Mas, é um conceito pouco usado hoje, na época era mais.

MS: Usado não era. As pessoas falavam nele, não usavam.

PCS: Era uma questão importante que estava lá na França também?

MS: Na França sempre foi, porque a questão da totalidade é mais complicada. Primeiro: não é privilégio do marxismo. É da filosofia, não é do marxismo. A totalidade marxista é uma das possibilidades de enfrentar essa questão da totalidade. Eu acho que o meu livro último, na realidade, versa bastante sobre isso: divisão do trabalho, tudo isso é totalidade que eu busquei empirizar, acho que é isso. Agora essa empiricização, no meu modo de ver não era possível antes. Então, não dá para culpar os outros. Não era possível. Cerebralmente se podia fazer, mas não historicamente. Não havia as condições históricas, essa universalidade empírica. Hoje é muito central e é por isso que os lugares têm importância.

PCS: Você acha que o movimento de renovação cumpriu o seu papel?

MS: Eu acho que cumpriu vários papéis. O primeiro foi o de influir sobre as outras ciências sociais.

PCS: A geografia influenciou?

MS: Essa sim, a nossa sim.

PCS: Que outras ciências?

MS: A sociologia, antropologia. Este ano (2000) fui convidado várias vezes pelos psicólogos. Então, eu acho que cumpriu. Também acho que esse movimento abriu espaço na opinião pública, sobretudo isso, eu creio que renovou a clientela da própria geografia. O reitor da Universidade de Brasília disse-me: “o número de estudantes que vêm aqui decidem fazer a geografia, buscam essas ideias novas todas”. Às vezes, é leitura fácil, não é leitura profunda, mas há uma mudança muito grande, mas que vem de fora, maior do que de dentro, eu acho. Daí não tem o jogo do poder, você pode influir. Quando você influi na psicologia, não tem jogo de poder, quando você influi na sociologia não tem jogo de poder, mas dentro da sua disciplina tem jogo de poder.

PCS: Vamos dizer que em 1978 houve um impulso, uma aceleração do movimento. Isso se esgotou, parou, envelheceu?

MS: Não sei. Eu acho que para responder o que você me pergunta, seria preciso estudar o resto das coisas. Eu acho que teria de fazer isso.

PCS: Mas, na sua opinião?

MS: Não saberia lhe dizer, estou muito envolvido. Acho que tem um papel grande. Bem que eu gostaria que fosse um papel maior ainda, mas tem um papel grande. Bom, você ainda vai fazer essa dissertação sobre isso ou vai esperar mais *dentadas intelectas*? (muitos risos)

PCS: Na sua opinião, atualmente, quais são as principais linhas, grupos, núcleos, laboratórios, onde poderia realmente surgir a geografia capaz de realizar este projeto?

MS: Eu não tenho uma resposta. Eu até pedi para algumas pessoas me ajudarem nas críticas, senti-me incompetente, e estou esperando respostas. Mônica Arroyo^{LV} deu-me ontem algumas sugestões. Eu estou esperando, não saberia dizer muito, não dá para confundir, por exemplo: geografia urbana é uma linha? geografia agrária é uma linha? Agora tem o turismo, o gênero,

tem esse povo todo do meio ambiente, os “onguistas”. É isso? Não sei se é isso! Deve haver grupos, particularmente, gosto do núcleo de Presidente Prudente, parece interessante, o de Florianópolis também é interessante.

PCS: Mas é difícil fazer essa localização?

MS: É difícil, por enquanto ainda é. Para mim talvez. Eu tenho usado minha energia em outra coisa agora. Eu vou voltar a estudar a geografia tal como ela é.

PCS: Há um paralelo entre esse momento de 1978 até hoje da geografia com a história brasileira?

MS: Deve ter.

PCS: Naquele momento, havia a abertura, as transformações, todo esse impulso de mudanças, e depois, em 1989, houve o refluxo dos movimentos sociais, mudanças de temas, e hoje há um certo ecletismo, uma multiplicação de tendências, a ideia de que não há uma tendência única. Isso é possível fazer?

MS: Não saberia dizer, porque você está falando da sociedade de cima, do povo de cima.

PCS: O povo de baixo não teria isso? Há uma linha de continuidade?

MS: Eu tenho a impressão de que eles estão germinando outra coisa, que nos escapa, por enquanto. Tenho a impressão.

PCS: Mas a geografia está buscando ver isso?

MS: Não.

PCS: Por exemplo, e a pesquisa da professora Adélia Aparecida de Souza sobre as práticas de solidariedade?

MS: Ah! Sim, quando ela fizer, aí sim.

PCS: Mas essas vontades são indícios de que o que você fala está contaminando a geografia.

MS: Ah! sim, sim... Mas só vai obter através da totalidade, não dá para estudar o pobre em separado, nem bajular pobre, esse que é o problema, os geógrafos ou bajulam claramente os ricos ou querem bajular os pobres e aí fazem panfletos: a “Geografia dos Sem Terras”, a “Geografia dos Sem Tetos”, todos

com estandarte nas mãos. Mas isso, qualquer pessoa na rua pode fazer. O que se espera de nós é outra coisa, não precisa fazer barulho na rua; isso é uma perturbação, e é bem mais fácil, porque você entra no movimento social, o PT elege você o intelectual do ano, aí você é introduzido rapidamente.

PCS: Mas, concorda que há uma necessidade de ação?

MS: A nossa ação é a ideia, você quer melhor do que isso? Ação do quê? Se não conseguem, parte-se para outra coisa, não ocupe o lugar. Essa história da ação eu não consigo engolir não. Porque você vai fazer de vez em quando, não é o seu trabalho.

PCS: É a interpretação daquela frase de Karl Marx?

MS: Eu acho que “pensar” é mais importante.

PCS: E é uma ação.

MS: É uma ação, mas como o sujeito não quer ter o trabalho de pensar, vira militante, até dá certo, como o Bernardo Manzano^{LVI}, por exemplo, começou bobo e acabou tomando corpo, mas é difícil pensar metamorfoses “tipo Bernardo”; geralmente, a pessoa se perde no caminho.

PCS: Muito obrigado, professor!

MS: Eu acho que o seu trabalho vai dar pouco resultado; penso que a sua orientadora cometeu um grave erro em deixar você fazer isso.

PCS: Sou meio teimoso.

MS: Você não pode ser teimoso, porque você é orientando, você não vai re-tomar isso; acho que agora, se estivesse na sua posição, eu me aplicaria a estudar geografia mesmo.

PCS: A produção?

MS: A produção. Do La Blache, por exemplo, tem um “porre” de artigos extraordinários dele e que não estão em livros; seria uma contribuição formidável, porque para fazer isso você não estaria recorrendo à história da disciplina.

PCS: Mas, isso é história da disciplina.

MS: Não chega a ser, é muito recente. ●

NOTAS DO FIM DO ARTIGO

- I Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1894-1980); geógrafo, historiador e diplomata nascido em Paris, mas radicado no Rio de Janeiro. Formado em Direito, tornou-se um dos pioneiros da geografia científica no Brasil, com obras como *Geografia do Brasil* (1929), que revolucionou o ensino da disciplina ao substituir abordagens descritivas por análises sistêmicas. Como diplomata, representou o Brasil na Liga das Nações, integrando geopolítica e relações internacionais. Sua produção intelectual – incluindo a *História diplomática do Brasil* (1959) e seu papel como educador influenciaram gerações, pavimentando o caminho para a geografia crítica brasileira; faleceu no Rio de Janeiro em 1980, legando a imagem de fundador da geografia acadêmica nacional.
- II A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) foi fundada em 17 de setembro de 1934, por iniciativa do professor francês Pierre Deffontaines, juntamente com os professores Rubens Borba de Moraes, Caio Prado Júnior e Luís Flores de Moraes Rego. É uma entidade civil, sem fins lucrativos, que reúne geógrafas e geógrafos, professoras e professores, estudantes de geografia e pessoas de outras áreas que se alinham aos princípios da entidade, preocupados com a promoção do conhecimento científico, filosófico, ético, político e profissional da geografia para que se possa oferecer à crítica da sociedade uma abordagem geograficamente consistente dos seus/nossos problemas.
- III Aroldo Edgar de Azevedo (1910-1974): geógrafo nascido em São Paulo, formado pela USP e discípulo de Pierre Monbeig, tornando-se um dos principais nomes da geografia física e regional do Brasil. Professor titular da USP por três décadas, destacou-se por obras fundamentais como *Brasil: a terra e o homem* (1964), que se tornou referência nos estudos geográficos nacionais, combinando rigor científico com linguagem acessível. Pioneiro nos estudos de geomorfologia e divisão regional brasileira, criou a primeira proposta de regionalização natural do país (1940). Dirigiu a *Revista Brasileira de Geografia* e formou gerações de geógrafos, deixando legado como sistematizador da geografia física brasileira. Faleceu em São Paulo, em 1974, durante o XX Congresso Internacional de Geografia.
- IV Paul Vidal de La Blache (1845-1918): geógrafo considerado o pai da geografia moderna na França e um dos principais expoentes da chamada Escola Francesa de Geografia. Sua carreira acadêmica foi marcada por uma abordagem inovadora que integrava a geografia física e humana, rompendo com as tradições deterministas da época; conhecido por desenvolver o conceito de 'possibilismo', argumentava que o ambiente natural oferece possibilidades para o desenvolvimento humano, mas não determina rigidamente as atividades ou a organização das sociedades. A obra *Tableau de la Géographie de la France* (1903) exemplifica essa abordagem, ao descrever a diversidade regional da França e a interação entre o meio físico e as atividades humanas. Além de suas contribuições teóricas, La Blache foi um grande divulgador da geografia; fundou a revista *Annales de Géographie* (1891), uma das principais publicações acadêmicas da área, e foi um professor influente, formando uma geração de geógrafos que continuariam seu legado (Lucien Gallois, Emmanuel de Martonne e Albert Demangeon). Sua abordagem humanista e integradora da geografia influenciou a geografia francesa e, também, a geografia mundial, na primeira metade do século XX.
- V Grupo de pessoas que vivem em comum, coabitação, convívio amigável, mancebia, concubinato [do latim *contubernium*, -ii]: camaradagem entre soldados da mesma tenda, amizade, intimidade. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>.
- VI SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 1978.
- VII Richard Chorley (1927-2002): geógrafo britânico que teve um papel fundamental na transformação da geografia no século XX; contribuiu para a chamada 'nova geografia' ou 'geografia quantitativa', um movimento que buscava tornar a disciplina mais científica e teórica; desempenhou um papel crucial na modernização da geografia; suas contribuições para a abordagem quantitativa, teoria de sistemas e geomorfologia continuam a ser relevantes para a disciplina.
- VIII Walter Christaller (1893-1978): criou a teoria que busca explicar a distribuição espacial das cidades e seus serviços. Ele introduziu conceitos como "lugar central", "hierarquia urbana" e "áreas de influência", que são fundamentais para entender a organização do espaço geográfico; apesar

de sua formação em geografia humana, suas ideias tiveram grande impacto na geografia física ao influenciar o estudo da distribuição de recursos naturais e da organização do espaço rural.

- IX** *David Harvey* (1935-): geógrafo e teórico social britânico, considerado um dos mais influentes geógrafos do século XX e um dos principais pensadores marxistas da atualidade, em razão de suas contribuições para a geografia urbana, a geografia marxista e a teoria social. Seus trabalhos exploram a relação entre o espaço, o capitalismo e a sociedade. Ele argumenta que o espaço não é apenas um palco para a ação social, mas também é moldado e transformado pelas relações sociais e econômicas.
- X** *Allen John Scott* (1938-): geógrafo e professor de políticas públicas na Universidade da Califórnia, em Los Angeles; seus principais interesses de pesquisa incluem economia, localização industrial, teoria social e geografia urbana.
- XI** *Ruy Moreira* (1948-): geógrafo conhecido por suas contribuições à geografia crítica e ao pensamento geográfico no Brasil; professor aposentado da Universidade Federal Fluminense (UFF) e autor de diversas obras que abordam temas como epistemologia da geografia, geografia urbana, geografia política e ensino de geografia; sua produção intelectual é marcada por uma abordagem crítica e reflexiva, que questiona as bases teóricas e metodológicas da geografia tradicional e propõe novas formas de pensar o espaço e a sociedade.
- XII** *Georges Chabout* (1909-2007): geógrafo francês que se dedicou ao estudo da geomorfologia (a ciência que estuda as formas do relevo) e à análise regional. Seus trabalhos enfatizavam a interação entre os elementos naturais e humanos na formação das paisagens; desenvolveu pesquisas sobre a evolução das paisagens, os processos erosivos e a influência do clima e da tectônica nas formas da Terra.
- XIII** *Michel Rochefort* (1927-2015): geógrafo francês que se destacou por seus estudos sobre as cidades, suas regiões e a rede urbana.
- XIV** *Madeleine Albright* (1937-2022) foi uma política e diplomata americana que se destacou como a primeira mulher a ocupar o cargo de Secretária de Estado dos EUA, durante o governo de Bill Clinton; nascida na Tchecoslováquia, Albright e sua família fugiram da ocupação nazista e se refugiaram nos EUA. Sua experiência como refugiada moldou sua visão de mundo e seu compromisso com a promoção da democracia e dos direitos humanos.
- XV** *Jean-Paul Sartre* (1905-1980): filósofo, escritor, dramaturgo e crítico francês, considerado um dos principais expoentes do existencialismo e uma das figuras intelectuais mais influentes do século XX. Escreveu obras filosóficas como *O ser e o nada* (1943), onde explora conceitos como liberdade, responsabilidade e a natureza da existência humana. Além de sua filosofia, Sartre escreveu romances (*A náusea*, 1938), peças de teatro (*Entre quatro paredes*, 1944) e ensaios, muitos deles engajados politicamente.
- XVI** *George Gurvitch* (1894-1965): renomado sociólogo russo que atuou principalmente na França e um dos mais influentes e originais século XX e um especialista em sociologia do conhecimento; a afirmação de que Gurvitch era “o papa da sociologia à época” destaca sua importância e influência no campo da sociologia; foi professor na Universidade de Sorbonne e fundou a revista *Cahiers Internationaux de Sociologie*, entre outras contribuições.
- XVII** *Gilles Deleuze* (1925-1995): filósofo francês cujo trabalho revolucionou a filosofia contemporânea, influenciando áreas como a teoria crítica, os estudos culturais, a arte, a política e as ciências sociais; escreveu estudos influentes sobre figuras como Spinoza, Nietzsche, Bergson e Kant; sua filosofia, centrada em conceitos como ‘rizoma’, ‘diferença’ e ‘devir’, desafiava estruturas binárias e hierárquicas, propondo uma visão dinâmica e plural da realidade.
- XVIII** *Henri Lefebvre* (1901-1991): filósofo, sociólogo e teórico marxista francês cujo trabalho revolucionou a maneira como entendemos o espaço, a vida urbana e as dinâmicas sociais; uma das contribuições mais importantes de Lefebvre foi sua teoria do espaço e da urbanização. Em *A produção do espaço*

(1974), argumentou que o espaço não é apenas um cenário neutro onde as relações sociais ocorrem, mas um produto social, dinâmico e carregado de significados, portanto reflete as relações de poder e as contradições da sociedade. Essa ideia teve um impacto profundo na geografia humana, na sociologia urbana e no planejamento urbano.

- XIX** O grupo associado a François Perroux (1903-1987): um dos mais influentes no campo da economia e da geografia francesa na segunda metade do século XX, especialmente por suas contribuições teóricas sobre desenvolvimento regional, crescimento econômico e a dinâmica espacial das atividades econômicas. Perroux, embora fosse economista de formação, teve um impacto significativo sobre os geógrafos, principalmente por suas ideias sobre os polos de crescimento (*pôles de croissance*), que se tornaram fundamentais para a geografia econômica e o planejamento regional.
- XX** Gilberto Freyre (1900-1987): um dos mais influentes sociólogos e escritores do século XX, autor da obra *Casa-grande & Senzala* (1933). Nascido no Recife em família aristocrática, formou-se nos EUA (Universidade de Columbia) e tornou-se o principal intérprete da formação social brasileira. Seu trabalho pioneiro sobre o papel da miscigenação e da cultura africana na construção nacional rompeu com as teorias racistas vigentes, embora tenha sido criticado por romantizar o patriarcado escravista. Intelectual multifacetado, publicou outras obras fundamentais como *Sobrados e mucambos* (1936) e *Ordem e progresso* (1959), completando sua trilogia sobre a sociedade brasileira. Morreu no Recife, deixando um legado controverso, mas indispensável para entender o Brasil, tendo cunhado conceitos como “lusotropicalismo” que ainda hoje geram debates acadêmicos.
- XXI** SANTOS, Milton. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- XXII** Éric Dardel (1899-1967): geógrafo francês, publicou a obra *L’homme et la terre: nature de la réalité géographique* (1952) citada por Max Sorre e resgatada a partir da década de 1980 como uma importante obra fenomenológica.
- XXIII** Pierre George (1909-2006): um dos geógrafos franceses mais destacados do século XX, conhecido por suas contribuições à geografia humana e urbana; foi professor na Sorbonne e um dos principais expoentes da geografia francesa no pós-guerra; sua obra é marcada por uma abordagem crítica e engajada, que integrava aspectos sociais, econômicos e políticos.
- XXIV** Maximilien Sorre (1880-1962): geógrafo francês pioneiro da ecologia humana e da geografia biológica, discípulo de La Blache. Professor nas universidades de Montpellier e Sorbonne, revolucionou os estudos sobre as relações entre sociedades e meio ambiente com obras como *Les fondements biologiques de la géographie humaine* (1943). Investigou a influência dos fatores ecológicos na organização do espaço, antecipando conceitos como vulnerabilidade ambiental. Seus trabalhos sobre doenças e clima (geografia médica) permanecem referenciais. Membro do Institut de France, formou gerações de geógrafos, articulando ciências naturais e humanas. Morreu em Paris, deixando contribuições fundamentais para a geografia francesa do século XX.
- XXV** Georg Lukács (1885-1971): filósofo, crítico literário e marxista húngaro, considerado um dos pensadores mais influentes do século XX. Nascido em Budapeste em uma família burguesa judia, Lukács inicialmente se interessou por idealismo alemão antes de se converter ao marxismo após a Revolução Russa de 1917. Como comissário de educação na efêmera República Soviética Húngara (1919), exilou-se após sua queda, desenvolvendo suas principais obras no exterior. Seu livro *História e consciência de classe* (1923) revolucionou a teoria marxista ao introduzir conceitos como “reificação” e “consciência de classe”, tornando-se fundador do chamado “marxismo ocidental”. Após retornar à Hungria em 1945, enfrentou perseguições stalinistas, mas continuou produzindo obras fundamentais como *O jovem Hegel* (1948) e *Estética* (1963). Professor emérito até sua morte em 1971, Lukács deixou um legado que influenciou desde a Escola de Frankfurt até os estudos literários, sendo celebrado por sua análise dialética da cultura e da sociedade capitalista.
- XXVI** Emmanuel de Martonne (1873-1955): um dos mais importantes geógrafos franceses do século XX e principal discípulo de Paul Vidal de La Blache. Nascido em Chabris, formou-se na École Normale Supérieure e tornou-se professor na Sorbonne, onde revolucionou os estudos de geografia física. Especialista em geomorfologia e climatologia, criou o índice de aridez que leva seu nome e

publicou a influente obra *Traité de géographie physique* (1909), manual de referência por décadas. Como secretário-geral da União Geográfica Internacional (1931-1949), organizou a classificação internacional das paisagens naturais. Durante a Segunda Guerra, liderou a resistência intelectual francesa contra a ocupação nazista. Seu Atlas de France (1934) e estudos sobre os Cárpatos permanecem fundamentais, consolidando-o como pai da geografia física moderna e principal difusor da escola vidaliana no mundo. Faleceu em Sceaux, deixando vasto legado científico e pedagógico.

- XXVII Celso Furtado (1920-2004): importante economista e pensador do desenvolvimento, nasceu em Pombal (PB), formou-se em direito no Rio de Janeiro e doutorou-se em economia pela Sorbonne; intelectual-chave da CEPAL nos anos 1950, desenvolveu a teoria do subdesenvolvimento, analisando as economias periféricas como produtos históricos da divisão internacional do trabalho. Criador da SUDENE (1959) e primeiro-ministro do Planejamento do Brasil (1962-63), foi arquiteto das políticas desenvolvimentistas da era JK. Sua obra-prima *Formação econômica do Brasil* (1959) revolucionou a historiografia econômica nacional e ele deixou como legado uma crítica permanente ao estruturalismo econômico e uma visão humanista do desenvolvimento.
- XXVIII Caio Prado Júnior (1907-1990): notável intelectual por suas contribuições à historiografia, economia e pensamento social. Nascido em São Paulo em uma família da elite cafeeira, formou-se em direito pela USP (1928), mas dedicou-se à análise estrutural do Brasil. Sua obra-prima, *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), revolucionou a interpretação histórica ao demonstrar como a colonização portuguesa moldou uma sociedade voltada para a exploração externa, definindo o “sentido da colonização” como eixo de nossa formação. Marxista heterodoxo, fundador da Editora Brasiliense (1943) e deputado estadual pelo PCB (1947), teve livros censurados e foi preso durante a ditadura militar. Professor visitante em universidades estrangeiras, produziu clássicos como *História econômica do Brasil* (1945) e *A revolução brasileira* (1966), analisando as contradições do desenvolvimento nacional.
- XXIX Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador e intelectual brasileiro, autor da obra seminal *Raízes do Brasil* (1936). Destacou-se como crítico literário, jornalista e professor universitário. Sua análise sobre a formação da sociedade brasileira – especialmente os conceitos de “homem cordial” e “patrimonialismo” – revolucionou a historiografia nacional. Exilado voluntário nos EUA e Europa (1929-1930), lecionou em universidades de Berlim e foi o primeiro diretor do IEB da USP (1962-1967). Pai do músico Chico Buarque, produziu outras obras fundamentais como *Caminhos e fronteiras* (1957) e *Visão do paraíso* (1959), que reinterpretaram nosso passado colonial. Deixou como legado uma visão crítica e original da identidade nacional que continua a inspirar gerações.
- XXX Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês de origem argelina, considerado o principal expoente da corrente filosófica conhecida como “desconstrução”.
- XXXI Lucien Goldmann (1913-1970): filósofo e sociólogo marxista romeno-francês, conhecido por seus estudos sobre a relação entre literatura, filosofia e estruturas sociais. Nascido em Bucareste, mudou-se para Paris nos anos 1930, onde se tornou discípulo de Lukács e desenvolveu abordagem singular do materialismo dialético, a “genética estruturalista”. Professor na École Pratique des Hautes Études, Goldmann destacou-se por interpretar criações culturais como respostas às contradições históricas de classes sociais específicas, evitando o determinismo econômico e o formalismo estético.
- XXXII Lino Bernardes (1925-2003): professor titular da USP, especializado em geografia regional e estudos urbanos. Doutor pela Universidade de Lisboa, destacou-se por pesquisas sobre industrialização e estruturação do espaço paulista, como em *A industrialização de São Paulo* (1960). Membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros, formou gerações de geógrafos entre as décadas de 1960-1980. Seu legado inclui contribuições metodológicas para análises regionais críticas.
- XXXIII José Marinho de Gusmão Filho (1930-2010): professor da USP, especializado em geografia agrária e planejamento regional. Doutor pela Universidade de São Paulo, destacou-se por pesquisas sobre desenvolvimento rural e reforma agrária, com obras como *Estrutura fundiária e desenvolvimento Agrícola* (1975). Atuou como consultor de órgãos governamentais nos anos 1980, contribuindo para políticas de colonização na Amazônia. Formou gerações de geógrafos e seu legado inclui análises críticas sobre modernização conservadora no campo brasileiro.

- XXXIV *Ariovaldo Umbelino de Oliveira* (1947-): geógrafo especializado em geografia agrária e questão fundiária, professor titular e doutor pela USP, destacou-se por pesquisas sobre conflitos de terra, movimentos sociais e capitalismo no campo; publicou obras fundamentais como *A agricultura camponesa no Brasil* (1991). Militante engajado, assessorou o MST e órgãos públicos em reforma agrária. Recebeu prêmios como o Jabuti (2005) por *Modo capitalista de produção e agricultura* (2004); deixou legado como principal crítico do latifúndio e grilagem no Brasil.
- XXXV *Lylian Zulma Doris Coltrinari*: professora da USP, doutora em Geografia Física pela USP (1974), atua principalmente nas áreas de geomorfologia.
- XXXVI *Ana Fani Alessandri Carlos* (1949-): geógrafa e professora titular da USP, destacou-se como uma das principais teóricas da geografia crítica urbana no país. Autora de obras fundamentais como *A cidade* (1994) e *Espaço-tempo na metrópole* (2001), desenvolveu análises pioneiras sobre a produção do espaço urbano sob o capitalismo, articulando marxismo e fenomenologia. Pesquisadora do CNPq, formou gerações de geógrafos com sua crítica radical à segregação espacial e à mercantilização das cidades. Participou ativamente dos debates sobre reforma urbana e movimentos sociais, sendo referência nos estudos sobre São Paulo.
- XXXVII *Manoel Seabra* (1930-): geógrafo e professor titular da USP, instituição onde fez o doutorado em geografia econômica (1973).
- XXXVIII *Carlos Walter Porto-Gonçalves* (1948-2023): geógrafo de projeção internacional, reconhecido por suas contribuições críticas à geografia política, ecologia política e estudos territoriais. Nascido no Rio de Janeiro, doutorou-se pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e tornou-se professor titular da Universidade Federal Fluminense (UFF). Destacou-se por suas pesquisas sobre conflitos territoriais, movimentos sociais e justiça ambiental, com ênfase na Amazônia e nas lutas de povos tradicionais. Sua obra *A globalização da natureza e a natureza da globalização* (2006) tornou-se referência para entender as dinâmicas socioambientais no capitalismo contemporâneo.
- XXXIX *Myrna Thereza Rego Viana*: geógrafa contemporânea, especializada em geografia urbana, planejamento territorial e análise de políticas públicas, com ênfase nas dinâmicas socioespaciais de cidades médias e metrópoles. Professora e pesquisadora vinculada a instituições como a Universidade Federal de Goiás (UFG), onde atuou no Instituto de Estudos Socioambientais, sua trajetória acadêmica destaca-se pela interface entre teoria geográfica e aplicação prática, especialmente em estudos sobre reestruturação urbana, desigualdades socioespaciais e gestão democrática do território.
- XL *Maria Laura Silveira* (1954-): Doutora pela USP com a tese *Um país, uma região. Fim do Século e modernidades na Argentina* (1997), colaborou em diversas pesquisas com o professor Milton Santos. Atualmente é professora da Universidade Autônoma de Buenos Aires.
- XLI *José Ribeiro de Araújo Filho* (1911-1994): graduou-se em Geografia e História na USP (1941), ingressando como professor em 1942, onde fez o doutorado em 1950 com a tese *A baixada do Rio Itanhaém: estudo de Geografia Regional*. Obteve o título de livre-docência com a tese *Santos, o porto do café* em 1967. Tornou-se professor titular em 1971 e professor emérito em 1981.
- XLII *Francisco de Oliveira* (1933-2019): sociólogo e economista, conhecido por suas análises críticas do desenvolvimento e do capitalismo periférico. Nascido em Recife, foi pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e professor da USP, onde influenciou gerações de cientistas sociais. Sua obra mais célebre, *Crítica à razão dualista* (1972), desmontou as dicotomias entre atraso e modernidade no Brasil, tornando-se um clássico da teoria social latino-americana.
- XLIII MOREIRA, Ruy. Assim se passaram dez anos: a renovação da geografia no Brasil no período 1978-1988. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, v. 1, n. 14, p. 5-39, jun. 1992.
- XLIV *Pierre Monbeig* (1908-1987): geógrafo francês que se destacou por seus estudos sobre o Brasil, tornando-se um dos principais “brasileiristas” (especialistas estrangeiros no Brasil) do século XX; considerado um dos fundadores da geografia moderna no Brasil, onde viveu e trabalhou por muitos anos. Pierre George e Pierre Monbeig representam duas vertentes importantes da geografia francesa:

enquanto George se destacou pela geografia social e urbana em um contexto global, Monbeig focou nos estudos regionais e agrários, com um impacto profundo na geografia brasileira.

- XLV** Milton Santos e Maria Laura Silveira colaboraram em diversas publicações, entre elas, *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001. Além disso, eles organizaram conjuntamente a obra *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994.
- XLVI** Florestan Fernandes (1920-1995): sociólogo, etnólogo e político brasileiro. Crítico radical das desigualdades raciais e sociais, produziu um conjunto vasto de obras que são referências para o entendimento do Brasil.
- XLVII** Tamás József Károly Márton Szmrecsányi (1943-2017): economista e historiador húngaro-brasileiro, especializado em história econômica e industrialização. Professor da Unicamp, destacou-se por estudos sobre desenvolvimento brasileiro e energia. Publicou *O papel do Estado na industrialização brasileira* (1994). Morreu em Campinas.
- XLVIII** Publicação acadêmica brasileira dedicada aos estudos geográficos, com ênfase em geografia urbana, planejamento territorial e políticas públicas. Criada em 1996 pelo Laboratório de Gestão do Território (LAGET) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a revista surgiu como um espaço para discussões críticas sobre urbanização, regionalização e transformações socioespaciais no Brasil.
- XLIX** A escola do professor Aziz Nacib Ab'Saber (1924-2012) refere-se ao legado intelectual e científico deixado por um dos mais importantes geógrafos e cientistas brasileiros do século XX. Aziz Ab'Saber foi uma figura central na geografia física, na geomorfologia e nos estudos ambientais no Brasil, e sua influência se estendeu para além da academia, impactando políticas públicas e a conscientização ambiental no país.
- L** Carlos Augusto Figueiredo Monteiro (1927-2022): geógrafo e climatologista, pioneiro nos estudos de clima urbano no país. Formado pela USP, onde lecionou, dedicou-se à análise dos impactos do clima nas cidades, desenvolvendo métodos inovadores para estudos ambientais. Sua obra *O clima urbano* (1976), tornou-se referência fundamental na geografia física brasileira. Como pesquisador, contribuiu para a consolidação da climatologia geográfica no Brasil.
- LI** Adélia Aparecida de Souza (1944-): professora titular da USP, especializada em geografia urbana e regional. Com pesquisas focadas em metropolização, reestruturação produtiva e desigualdades socioespaciais, destacou-se por análises críticas sobre o desenvolvimento urbano brasileiro, especialmente em São Paulo. Autora de obras como *Metrópole e urbanização brasileira* (2002), integrou abordagens da economia política ao estudo do espaço geográfico. Orientadora de gerações de geógrafos, participou ativamente de debates sobre planejamento urbano e políticas públicas, contribuindo para a consolidação da geografia crítica na USP.
- LII** Peter Haggett (1933-2025): geógrafo britânico pioneiro da geografia quantitativa e da análise espacial, cujo trabalho revolucionou a disciplina no século XX. Professor emérito da University of Bristol, destacou-se por desenvolver modelos locais e métodos para estudar a difusão de epidemias, integrando geografia e saúde pública. Sua obra clássica *Geography: a modern synthesis* (1972), tornou-se referencial metodológico global. Premiado com o “Nobel da Geografia” (Vautrin Lud, 1991), sua abordagem interdisciplinar influenciou desde o planejamento urbano até políticas de combate a doenças. Membro da British Academy, Haggett continua sendo uma figura central para entender a organização espacial das sociedades. Seu legado intelectual une rigor científico e aplicabilidade prática, moldando gerações de pesquisadores.
- LIII** Alexander von Humboldt (1769-1859): naturalista e explorador prussiano, considerado o “pai da geografia moderna” por sua abordagem interdisciplinar. Suas expedições pela América Latina (1799-1804) revolucionaram o entendimento científico sobre clima, ecologia e geografia física. Publicou a obra monumental *Cosmos* (1845-1862), síntese do conhecimento natural da época, introduzindo conceitos como ‘isotermas’ e a ‘interconexão dos ecossistemas’. Defensor do anticolonialismo e da observação empírica, influenciou Darwin, Goethe e gerações de cientistas. Morreu em Berlim, deixando um legado que fundou as bases da geografia ambiental e da biogeografia.

- LIV SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- LV Maria Mónica Arroyo: doutora em Geografia Humana pela USP com a tese *Território brasileiro e mercado externo: uma leitura do Brasil na virada do século XX* (2001), orientada pelo professor Milton Santos. Atualmente é professora do Departamento de Geografia e no Programa de Pós- Graduação em Geografia Humana da USP.
- LVI Bernardo Mançano Fernandes (1965-): geógrafo brasileiro especializado em geografia agrária e movimentos socioterritoriais, reconhecido internacionalmente por seus estudos sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e pesquisador do CNPq, desenvolveu conceitos fundamentais como “territorialização camponesa” e “luta pela terra”, analisando a dinâmica dos conflitos agrários no Brasil e na América Latina. Autor de obras referenciais como *Formação e territorialização do MST no Brasil* (2000), colaborou com organizações como a FAO e Via Campesina. Recebeu prêmios por sua contribuição à reforma agrária e segue ativo na formação de pesquisadores críticos.

EDITOR DO ARTIGO

Cláudio Luiz Zanotelli

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

claudio.zanotelli@ufes.br

Artigo recebido em: 12/05/2025

Artigo aprovado em: 02/06/2025

Artigo publicado em: 09/07/2025